

04-
09 AGOSTO



MIGRAÇÕES
migrations

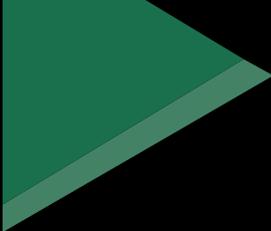


FILMES 2015
HOMEM
FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE
MELGAÇO

INTERNATIONAL DOCUMENTARY FILM FESTIVAL

Enche
Reunite
de Chantier





ÍNDICE

3 MENSAGEM
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

4 APRESENTAÇÃO
FILMES DO HOMEM 2015

6 CINEMA
E MIGRAÇÕES
José da Silva Ribeiro

14 A VIAGEM DO SILÊNCIO: O SALTO
Albertino Gonçalves

19 PROGRAMAÇÃO
FILMES DO HOMEM 2015

23 FILMES
FILMES DO HOMEM 2015

47 PRÉMIO
JEAN LOUP PASSEK

50 FORA
DE CAMPO

52 PLANO
FRONTAL

54 DÊ UM SALTO
A MELGAÇO

56 PARTICIPANTES

63 EXPOSIÇÃO
NÓS, POR CÁ E POR LÁ

66 EXPOSIÇÃO
MANOEL DE OLIVEIRA

68 FILMES
FRONTAIS

69 LABORATÓRIO
DE VÍDEO

70 EQUIPA

71 PARCEIROS

72 AGRADECIMENTOS
CONTACTOS



MENSAGEM PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Em 2014 avançamos com a primeira edição de Filmes do Homem, em estreita parceria com a associação AO NORTE, e conseguimos os nossos objectivos: inovar no panorama cultural do Alto Minho e criar um novo produto cultural que, associado ao Museu de Cinema Jean Loup Passek, afirmasse Melgaço como lugar privilegiado para a celebração da sétima arte. O festival surge na sequência da actividade cultural e museológica existente no concelho.

Durante a edição de 2014 fomos visitados por muita gente ligada ao cinema a nível nacional e internacional, tivemos mais de 1700 pessoas nas exposições realizadas nos vários pontos do território e em Arbo, foram produzidos 4 documentários sobre histórias reais de gente de Melgaço, foram recolhidas mais de 700 fotografias que dão nota da vida de quem emigrou, tivemos uma exposição de Gérald Bloncourt, o fotógrafo da emigração portuguesa em França, e muito mais.

Sabíamos que não era e não é um projecto fácil. No entanto, queremos continuá-lo e fazê-lo crescer. Este ano abordamos a realidade mais abrangente das migrações. Teremos uma secção competitiva com a criação do Prémio Jean Loup Passek. Teremos a exibição dos documentários realizados há um ano e uma exposição com as fotografias recolhidas que nos darão uma ideia do que foi a realidade em França para os melgacenses.

Queremos que o festival de cinema, na sua segunda edição, seja cada vez mais um acontecimento de cada um e de todos os melgacenses e que, simultaneamente, seja uma afirmação da nossa identidade e um convite ao país para que nos visitem.

Queremos aumentar, de ano para ano, a rede de ligação às comunidades onde ainda hoje residem muitos melgacenses emigrados.

Estamos convencidos que o festival tem todas as possibilidades de se afirmar e de nos afirmar no país e no mundo.

Todos estão convidados. ●

O Presidente da Câmara Municipal de Melgaço
Manoel Batista Calçada Pombal

FILMES DO 2015 HOMEM

FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE

MELGAÇO

INTERNATIONAL DOCUMENTARY FILM FESTIVAL

APRESENTAÇÃO FILMES DO HOMEM 2015

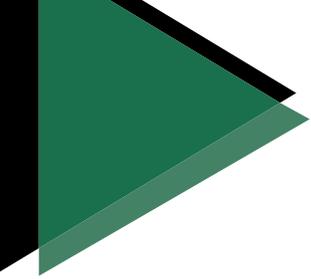
A 2ª edição de **FILMES DO HOMEM** - Festival Internacional de Documentário de Melgaço, dedicada ao tema **Migrações**, conta com uma secção competitiva para atribuição do **prémio Jean Loup Passek**, em homenagem ao escritor e crítico de cinema francês que doou o seu espólio ao município de Melgaço.

Um júri formado por Jorge Campos, Catarina Alves Costa, Jean-Loïc Portron, José Manuel Sande e Tiago Hespanha, vai atribuir o prémio à melhor longa-metragem internacional, à melhor curta ou média-metragem internacional e ao melhor documentário português que aborde o tema do festival.

A programação vai contar com os filmes candidatos ao prémio, que serão projetados na Casa da Cultura de Melgaço, e com sessões especiais, em sala e ao ar livre, nas freguesias de Parada do Monte, Castro Laboreiro e Cristóval (S. Gregório), e em Arbo, na Galiza.

O curso de verão **Fora de Campo** é outra das estreias de 2015. Esta iniciativa pretende ser um encontro de reflexão e debate multidisciplinar em torno do tema **Cinema e Migrações** e aproximar abordagens artísticas, tecnológicas e das ciências sociais e humanas, envolvendo Universidades e grupos de Investigação de Portugal, Galiza, Brasil e México e a comunidade local.

Além destas atividades haverá também espaço para as iniciativas que já se verificaram em 2014: sessões especiais e a residência cinematográfica e fotográfica **Plano Frontal**, na qual se-



rão integrados alunos de Cinema, Audiovisual e Fotografia para realizarem documentários e projetos fotográficos sobre temas locais que lhes serão propostos.

Desde o ano passado que estão a ser recolhidas e digitalizadas fotografias de arquivos pessoais que documentam histórias da emigração. Parte desse espólio vai poder ser visto na exposição **Nós, por cá e por lá**, patente na Casa da Cultura de Melgaço.

Uma exposição no Museu de Cinema de Melgaço Jean Loup Passek, evocará **Manoel de Oliveira**, cineasta que ao longo da sua obra fez uma reflexão sobre a cultura e a história portuguesa e que escolheu a região como cenário para um dos seus filmes.

Em agosto, o caminho das migrações passa em Melgaço. Esperamos por si. ●

A Direção da AO NORTE

MIGRAÇÕES

migrations



CINEMA E MIGRAÇÕES

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO*

O cineasta e diretor dos *Cahiers du Cinéma* entre 1966 to 1978, Jean-Louis Comolli, afirmou que o cinema, agente de espectacularização do mundo, se tornou contudo a sua consciência crítica. "Ele próprio, irrupção da máquina no sonho (imaginado), o cinema nunca deixou todavia de nos alertar para todas as tentativas de domesticação do sonho pela máquina. Aliás, como escapar à opressão da sociedade do espetáculo generalizado sem o cinema, único meio capaz de dirigir contra ela algumas das suas armas?". O cinema espectacularizou as migrações em múltiplos cenários e em muito histórias com final feliz mas também mostrou os dramas do insucesso, alimentou os sonhos, criou o olhar crítico sobre o processo migratório — sobre as razões de partida, as dificuldades da viagem e de inserção nas sociedades recetoras, as fases liminares do processo migratório, as mudanças, a construção e de reconfiguração identitária nos novos contextos sociais e culturais, o regresso, ou formas caleidoscópicas do processo migratório.

O cinema foi uma das primeiras formas artísticas que desde sempre se confrontou com o movimento do mundo moderno. Não apenas no estudo do movimento dos animais, das plantas ou dos homens quando em Palo Alto, entre 1873 e 1880, Eadweard Muybridge criou um dispositivo constituído por uma bateria de 24 máquinas fotográficas, colocadas em

linha, a curta distância umas das outras e, utilizando placas fotográficas cada vez mais sensíveis, conseguiu outras tantas fotografias que decompunham o movimento do cavalo, ou quando Étienne-Jules Marey inventou um complexo método gráfico para estudar o voo das aves e mais tarde a cronofotografia para estudo do movimento, ou ainda quando Thomas Alva Edison (1888) inventa o Cinetoscópio ou Cinetógrafo (*Kinetograph*) destinado a registar as imagens animadas, e a Auguste e Louis Lumière, o cinematógrafo (*Cinématographe*) simultaneamente câmara de filmar e projetor. Também registou o movimento das máquinas e das cidades como elementos estruturantes do mundo moderno e motor de migrações (*Berlim, Sinfonia de uma Metrópole* (1927) de Rutman, *O Homem da câmara de filmar* (1929) de Vertov, (1931) *Douro Faina Fluvial* (1931) de Oliveira ou *Metropolis* (1927) de Lang e *Tempos Modernos* (1931) de Chaplin, em que se associam as imagem do movimento às estruturas ideológicas e/ organizacionais da sociedade, às cadeias de montagem. Prestou particular atenção à mobilidade dos povos e dentro deste fenómeno de todos os tempos, dos processos migratórios.



O cinematógrafo, invenção dos irmãos Lumière como uma das máquinas da modernidade e do espírito positivista da época, inscreveu-se e acompanhou a expansão industrial europeia. Os operadores Lumière espalharam-se pelo mundo trazendo para a Europa a representação do contacto do cinema com a diversidade do mundo. Os irmãos Lumière incentivaram inúmeros operadores a percorrerem diversas partes do mundo com a dupla missão: realizar filmes para alimentar o repertório do cinematógrafo e organizar sessões de projeções em praças públicas ou em salas alugadas. Um dos temas centrais realizados por estes operadores foi os "retratos das cidades" que atraíram os primeiros espetadores ávidos por descobrir países e costumes estrangeiros, e os nativos que se deleitaram reconhecendo pessoas, lugares e situações familiares. O cinema e mais tarde a televisão e outros media viriam a tornar-se uma notável força de atração de imigrantes para os países desenvolvidos e dos turistas para os países longínquos e exóticos.

O cinematógrafo e as tecnologias de imagens e sons seguiram também com as expedições científicas (Alfred Cort Haddon 1898) na recolha de um reportório etnográfico sistemático sobre a vida material, a organização social e as religiões, utilizando uma bateria completa de meios de registo, permitindo valiosa coleção documental de danças, ritos e cerimónias constituída pelos primeiros filmes

etnográficos de terreno, rodados por operadores profissionais. Este ato inicial de Haddon serviu de incentivo aos antropólogos que o acompanharam, C.G. Seligman et W.H. Rivers, que viriam a instituir as cadeiras de antropologia (visual desde o início) nas Universidades de Cambridge, Oxford e na London School of Economics. Haddon aconselhou ainda Baldwin Spencer que, com Frank Gillen, filmou os Aranda na Austrália, e Rudolph Póch, encorajado pelos resultados anteriormente obtidos, filmará na Nova Guiné (1904-1906) e na África do Sul, Kahlari (1907-1909) os bosquímanos, equipado com câmaras de cinema e aparelhos de fotografia, procedendo no local ao tratamento da película a fim de poder corrigir, em campo, os erros técnicos à medida que obtinha as imagens e as apresentava. O desenvolvimento da película no terreno viria a ser adotado mais tarde por Robert Flaherty no filme *Nanook of the North* (1922) colocando a relação, a participação e a colaboração no centro da atividade de pesquisa. As primeiras tentativas de registar som (voz) e imagem só viriam a acontecer no início do século XX. Em 1901, Baldwin Spencer com Frank Gillen — um apaixonado pelas línguas aborígenes, registam, na Austrália com os Aranda, simultaneamente nos cilindros Edison e numa câmara Warwick a primeira ligação entre o som e a imagem. Estas tentativas, embora não passando

de tímidas e caras experiências que só o desenvolvimento das tecnologias viria a tornar mais acessível e realizável, marcavam o interesse dos antropólogos pela observação e registo das sonoridades e das interações verbais e da sua relação com a componente não-verbal registada pela imagem. A observação tornava-se audiovisual e o registo constituía um novo traço documental das inscrições etnográficas de terreno. Os manuais de etnografia começavam a referir a utilização dos meios de registo dos sons e das palavras locais. As ciências sociais e o documentário começavam a ganhar voz, as pessoas a exprimirem-se de forma visual e sonora, as culturas a tornarem visíveis e audíveis no cinema. Esta mudança porém só se solidificará no final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960 com a utilização do gravador de som e com o som síncrono no cinema.

Também os agentes económicos deram particular importância às imagens e às imagens em movimento no início do século XX. O banqueiro Albert Kahn, atualmente muito estudado, desenvolveu uma coleção notável "*Archives de la Planète*". Entre 1909 e 1930, colecionou 72 000 fotografias a cor, 183 000 metros de filmes rodados em 50 países constituindo hoje, em muitas situações, o único documento histórico deste período. Fê-lo com o objetivo de conhecer a diversidade de mundo para o melhor desenvolvimento das atividades económicas relacionadas com as diversidades culturais. Este movimento/mobilidade de cientistas, homens de negócios e aparelhos administrativos (administração colonial) europeus é premonitória da emigração europeia. Em primeiro lugar, dos próprios cineastas que atravessam o atlântico rumo a Hollywood que viria a tornar-se o centro de oportunidade criado pela indústria cinematográfica que atrairia os cineastas desinteressados pela Europa

devido aos limites à liberdade de expressão, dificuldades de financiamento, fragilidade da indústria europeia de cinema, às perseguições políticas (Chaplin, Kazan). Um outro fator contribuiu para a migração de cineastas para os Estados Unidos "a indústria cinematográfica norte-americana, consolidada ao longo do Século XX, foi moldada conforme as especificidades desta sociedade, com feições mais democráticas, como resultado do convívio de imigrantes de várias origens e classes sociais" enquanto o cinema europeu se ressentia do facto de a "sociedade europeia do final do século XIX e início do Século XX apresentar uma acentuada distinção entre as classes, demarcada também nas manifestações culturais sob rótulos de "alta" e "baixa cultura" (Machado, 2009: 77).

Migrantes europeus contribuíram decisivamente para o desenvolvimento do cinema americano no início do século XX. O marinheiro escocês, Edwin S. Porter, foi o primeiro realizador nos Estados Unidos (1902 a 1910) nos estúdios Edison - *The Great Train Robbery* (1903); Jesse L. Lasky, explorador de ouro no Alaska, acabou por criar um negócio de aluguer de filmes, em vez da sua venda desenvolvendo assim a ideia da exibição autónoma de filmes (Home Vídeo); Rodolfo Gugliemi (Rudolfo Valentino) foi um dos primeiros atores italianos a chegar a América (1903), também o cómico francês Max Linder e a Sueca Greta Lovisa Gustavsson (Greta Garbo) se instalaram na América nos anos 1920. Também Leon Trostky, antes da revolução bolchevique, trabalhou em produções cinematográficas americanas. Os judeus do centro da Europa (húngaros) opuseram-se nos EUA ao monopólio de Edison criando, entre outras, a Independent Motion Picturing Distributing and Sales e a *Greater New York Film Company*. Chaplin chegou aos Estados Unidos em 1913 e realizou dois filmes em que representa o papel de emigrante - *The immigrant* (1917) *The Gold*

Rush (1925). Muitos outros realizadores migrantes se instalaram na América: Victor Sjöström, Ernst Lubitsch, Friedrich Wilhelm Murnau, James Whale, Michael Curtiz, George Cukor, Otto Preminger... com eles migraram os imaginários europeus. Muitos contaram seus percursos migratórios.

Atores, guionistas e realizadores contribuíram para consolidar o cinema a nível mundial quando as guerras na Europa os levou a emigrar: Os refugiados franceses - René Clair, Jean Renoir, Julián Duvivier e Jean Gabin; o canadiano de origem ucraniana Edward Dmytryk e Frank Capra descendente de pais sicilianos. Da Alemanha chegam os perseguidos pelo nazismo - Fritz Lang, Robert Siodmack, Billie Wilder, Kart Siodmack, Fred Zinnermann, Edgar G. Ulmer y Joseph Von Sternberg e mais tarde numa segunda vaga Max Reinhardt, Max Ophüls, Paul Czinner, Joe May, Peter Lorre y Leontine Sagan. Nos anos 1950 outros cineastas chegam aos EUA - Billie Wilder, Elia Kazan e John Huston. Também cineastas descendentes de migrantes se notabilizaram no cinema americano: Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Michael Cimino, Brian De Palma, Robert DeNiro, Al Pacino, Silvestre Stallone, John Travolta, descendentes de italianos. A história dos descendentes de emigrantes no cinema norteamericano é extensíssima. Também portugueses participaram e participam no cinema americano: o pioneiro foi António Eduardo Lozano Guedes - Tony D'Algy (Comandante no *Leão da Estrela*, agente de *Amália em Amália, História de uma Cantadeira*).

Esta mobilidade dos cineastas orientava-se pelas mesmas razões que as populações emigrantes, como a mostra Elia Kazan em *America America* (1963) — a emigração dos gregos para os Estados Unidos motivados pela perseguição política e a esperança desmedida ao avistar a estátua da Liberdade. O filme centra-se na história de um jovem



America America (1963).

grego que assiste a perseguições étnicas e tem uma vida miserável na Turquia a vender gelo no mercado da aldeia. Embora discriminados e perseguidos pelos turcos, os gregos recusam deixar a terra dos seus ancestrais. O Jovem porém não aceita a humilhação diária migrando para Constantinopla onde procura e consegue concretizar o seu sonho de «fugir» para a América.

Também Charles Chaplin num pequeno filme de 1917, *The immigrant*, - “tocou-me mais do que qualquer outro filme que fiz” documenta o gueto judeu de Londres, "todo um gueto é trazido para a ponte do navio", na viagem de migração para os Estados Unidos. O filme foi censurado sendo cortada uma sequência criteriosamente planeada e montada por Chaplin - apinhados na ponte do navio que en-



America America (1963).

tra no porto, os emigrantes maravilhados contemplam através do nevoeiro a estátua da liberdade, no plano seguinte surge um polícia que repele os emigrantes e cercando-os por uma corda (sendo uma gestualidade típica nos portos, no filme ganha uma densa conotação simbólica; começam então as operações de controlo e de desembarque descritas de uma maneira rápida e desumana que evoca a triagem (selecção) dos animais numa feira. Chaplin critica assim os processos dos serviços de emigração dos Estados Unidos. Esta crítica é genérica e dirige-se a todos os processos burocráticos, nos Estados Unidos ou em qualquer lado. Prova disso é a repetição destes processos no restaurante. Charlot entra esfomeado num restaurante supondo ter no bolso uma moeda. A situação da sequência transforma-se continuamente com a perda da moeda, com o reencontrar a moeda, a

entrada da jovem, a intervenção do artista. Charlot não se considera numa situação clara de insolvente num restaurante mas numa situação mutável caleidoscópica (ambígua como na situação de imigração) de perda e reencontro da moeda de encontrar adjuvantes. Vive com o que sobra, o que cai no chão (o trabalho que ninguém quer) — a moeda que está no chão ou que cai no restaurante, as sobras do dinheiro dos outros; numa situação de subordinação das culturas imigrantes (classificadas de selvagens) — hábitos, costumes e rituais de mesa; sitiado pela desconfiança de todos os movimentos de todas as formas de expressão — até o dinheiro se torna necessário validar (verificação se a moeda é falsa), repressão brutal de pequenas faltas. A saída da situação surge pela solidariedade dos iguais, de migrantes em situações semelhantes, e pelo artista — uma interessante nota autobiográfica remetendo vagamente para um percurso de Chaplin: o papel do cinema no processo migratório. Na verdade, o cinema não apenas ensinou aos migrantes a língua mas também a sociedade e a cultura americanas.

Como vemos no pequeno filme de Chaplin, a América de todos os sonhos, e Hollywood como a indústria/imagem da América, "o cinema é americano", continha também uma ameaça ao cinema sobre a mobilidade dos povos, sobre as migrações. Ela fez desaparecer por trás da grande narrativa com um fim feliz as condições concretas de vida e o conflito com a sociedade de acolhimento. Por trás dos interesses afirma o desejo de maior aprofundamento de conhecimento da sociedade. O cinema europeu também não dá particular relevo às migrações e à vida concreta dos migrantes. Foi sobretudo um cinema de autor, de atores e diretores que dificilmente superaram as fronteiras de sua própria sociedade e cultura.

A migração é um fenômeno de todas as épocas. Desde que existem seres humanos, os povos sempre estiveram em movimento, são perseguidos, saem em busca de outras formas de vida, à procura de um lugar onde haja melhores condições de vida. A migração é um "fenômeno social total" histórico, social, político, jurídico, estético, mas sobretudo individual, absolutamente concreto, algo irrepetível e incomparável. A arte do cinema consiste em associar esses dois aspectos, não trair os homens e mulheres concretos e seus dramas, mas também o sonho e a esperança que, por mais ficcional ou ideológica que seja, está diretamente ligada à estrutura das sociedades onde se insere.

Nas duas últimas décadas houve profundas mudanças no modo como o cinema aborda as migrações e a mobilidade dos povos. Por um lado, a grande narrativa do movimento de pessoas deixou de se esconder por trás da mitologia do gênero. O tema das migrações tornou-se concreto. Já não trata heróis e símbolos, mas pessoas e trajetórias concretas. E a meta da narrativa não é mais o modelo da integração sem obstáculos, mas sim a representação dos problemas e conflitos. Na sociedade atual não há alternativa a um cinema da migração que aborde a complexidade das sociedades atuais, a um cinema em que os migrantes manifestam os seus pontos de vista e em que as suas vozes sejam audíveis e no qual se expressem; a um cinema de denúncia das condições migrantes de mobilidade dos povos. Há razões para esta transformação: nos países determinados pela migração de trabalho, nos que têm que lidar com uma herança colonial, nos que são especialmente visados pelos fluxos migratórios ou naqueles em que já existe uma terceira geração da imigração. Por outro lado, as tecnologias tornaram-se progressivamente disponíveis à comunidade de mi-



The immigrant (1917).

grantes permitindo o que a cineasta iraniana, Samira Makhmalbaf, afirma como os três métodos de controlo externos que reprimiram o processo criativo dos cineastas do passado: o político, o financeiro e o tecnológico podem estar resolvidos hoje com a revolução digital — a câmara (e os sistemas de edição digital) pode ignorar essas formas de controlo e estarem disponíveis ao realizador. Cada vez mais os migrantes criam narrativas a partir das suas próprias experiências migratórias ou das experiências migratórias do seu grupo de origem. As narrativas de migração realizadas por migrantes são cada vez mais representativas no panorama do cinema nacional e internacional.



The immigrant (1917).

O migrante clandestino no cinema tem ocupado um papel de relevo no cinema contemporâneo (Schurmans, 2014). Este traz para o cinema questionamentos específicos. Desde logo a definição de clandestino e de fronteira em tempo de mobilidade fronteira mas também a opção pela ficção “mais apta a preencher os vazios e os silêncios, mais apta também em traduzir o sofrimen-

to em personagens e assim comover, o que significa, neste preciso contexto, implicar o recetor” (Schurmans, 2014) ou nesta dupla realidade fronteira a do cinema das questões reais imaginada e transferida para o cinema de ficção acerca destas populações de fronteira – de migrantes clandestinos. Sujeito e objeto se reconfiguram de forma singular neste cinema de migração.

Perguntar-se-á: o que é que hoje o cinema nos permite descobrir além da materialidade do filme e dos signos que os compõem? Com certeza prevalecem os filmes documentos e representação de fenómeno histórico da emigração fixados em suportes que prevalecem susceptíveis de múltiplos visionamentos, mas também o direito, que Walter Benjamin refere, de homem e mulheres afastados da centralidade dos processos sociais e políticos serem filmados. Os filmes tornam estes homens e mulheres e suas histórias visíveis, torna-os cidadãos de um universo cinematográfico que produz um homem imaginário, tanto no ecrã como no público que deles se apropria. Nesta apropriação há sempre uma dimensão afetiva, estética, poética, mesmo que dramática.

Todos esses filmes, tão diferentes e ao mesmo tempo tão relacionados entre si, não consistem somente em narrativas, imagens e ideias que migrantes carregam consigo em suas andanças voluntárias ou involuntárias, talvez como memória mas também como presente. Eles também contêm narrativas, imagens e ideias geradas pela própria migração. A narrativa da migração como work in progress é uma das narrativas mundiais mais importantes da nossa época, e o cinema, sempre que se puder manter independente, solidário e curioso e atento, continua a ser meio de expressão artística, de representação científica, de entretenimento e uma forma, como acima refere Jean-Louis Comolli, de escapar à opressão da sociedade do espetáculo generalizado sem o cinema, único meio capaz de virar contra ela algumas das suas armas. É a narrativa que mais se aproxima do estado real do mundo em todos os seus aspetos do real e do imaginado. A narrativa da migração é sempre uma narrativa de origem, da terra perdida; do lugar que as pessoas tiveram de abandonar e da esperança que carregam consigo de retorno ou de encontro da terra prometida. Uma narrativa dos dramas do quotidiano e dos grandes mitos do retorno ou de encontro da terra prometida. ●

Referências

COMOLLI, Jean-Louis, 2000 — "O Futuro do Homem", in O Olhar de Ulisses, O homem e a câmara. Porto 2001/Cinematoteca Portuguesa,

LYKIDIS, Alex, Minority and Immigrant Representation in Recent European Cinema, <http://cinema.usc.edu/archivedasets/096/15613>.

MACHADO, Mariângela, 2009 — "Afirmção do espectador de cinema e a indústria cinematográfica norte americana". Disponível em: <http://caioba.pucrs.br/geacor/ojs/index.php/fannecos/article/viewFile/6475/4705>

RIBEIRO, José da Silva (2009) "Migrações e cinema em Portugal" em Borge, Julio Hernández e Lopo, Domingo L. González (2009) La emigración en el cine: diversos enfoques, Santiago de Compostela: USC , páginas 123-148.

RIBEIRO, José da Silva (2010) Cinema e migrações, Universidade de Santiago de Compostela.

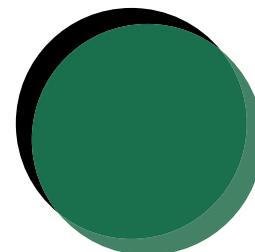
RIBEIRO, José da Silva (2011) Mobilidade dos povos e imagens em movimento, Avanca 2011.

RIBEIRO, José da Silva (2015) Representação mediática dos emigrantes portugueses na Europa Central em duas vagas migratórias, dois contextos de migração, entre formas diversas de produção audiovisual e de desenvolvimento tecnológico. Avanca 2015.

SCHURMANS, Fabrice (2014) A representação do migrante clandestino no cinema contemporâneo: efeitos e cenas de fronteira, Coimbra: RCCS.

Porto, junho de 2015

***CEMRI – Media e mediações culturais
Universidade Aberta**



A VIAGEM DO SILÊNCIO: O SALTO

ALBERTINO GONÇALVES

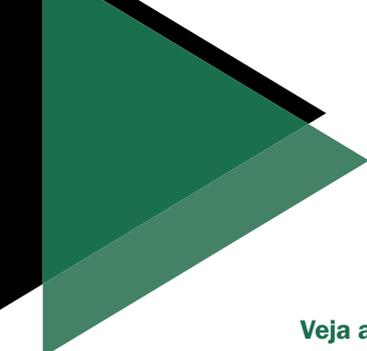
A emigração portuguesa para França não foi descuidada pelas ciências e pelas artes. Está longe de ser uma realidade ignorada. Atendo-nos ao audiovisual, entre filmes, curtas-metragens e documentários, contabilizam-se mais de quarenta obras dignas de registo. (Cardoso, João Sousa, 2009, "L' Imaginaire de la communauté portugaise en France, à travers les images en mouvement (1967-2007), thèse de doctorat en sociologie, Université Paris V - Sorbonne). Seja pelo realizador, seja pelo sucesso de bilheteira, entre os filmes destacam-se: Manoel de Oliveira, *Viagem ao princípio do mundo* (1997); João Canijo, *Ganhar a Vida* (2001); José Vieira, *La photo déchirée* (2001); Miguel Gomes, *Aquele querido mês de agosto* (2008); Ruben Alves, *La cage dorée* (2013); e (porque não?) o filme de animação de Sylvain Chomet, premiado com um Óscar, *Les triplettes de Belleville* (2003). Muitas obras dedicadas à emigração (nas ciências sociais e humanas, na arte, na literatura, no teatro e na música) provêm dos próprios emigrantes, nomeadamente da chamada “segunda geração”.

O Salto, de Christian de Chalonge, é um caso à parte. Estreado em 1967, é o primeiro filme, profissional, sobre a emigração portuguesa para França e, também, o primeiro filme assinado por Christian de Chalonge, realizador com uma carreira apreciável no cinema francês. O filme *L'Argent des autres*, estreado em 1978,

com Jean-Louis Trintignant e Catherine Deneuve, ganhou o Prix Louis Deluc, em 1978, e dois césares em Cannes, em 1979: melhor filme e melhor realizador.

O filme *O Salto* foi rodado num momento nevrálgico da emigração portuguesa para França, que, em crescimento acelerado, causava algum incómodo em França, nomeadamente junto dos intelectuais e dos partidos de esquerda. A França do pós-guerra conheceu várias vagas de imigração. Primeiro, a italiana; seguiu-se a espanhola; e, por último, a portuguesa, marcada pelo estigma da clandestinidade. Pessoas legalizadas em França permaneciam perseguidas no país de origem. Muitos portugueses acudiam aos bairros de lata dos arredores de Paris. Em 1966, nos bairros de Champigny, Nanterre e La Courneuve viviam cerca de 27 000 pessoas, metade em Champigny (14 000), o maior bairro de lata da Europa. Muitos franceses conviviam mal com esta situação. A obra fotográfica de Gérald Bloncourt (<http://www.bloncourt.net/>) e *O Salto* de Christian de Chalonge testemunham esse incómodo. Convém recordar que o Governo francês tentou celebrar com o Governo português, sem sucesso, vários acordos de mobilidade de trabalhadores entre Portugal e a França.

O filme *O Salto* inscreve-se num momento de viragem da emigração portuguesa: o início do fim dos “anos da lama” (e.g., o filme de José Vieira, *Drôle de Mai – Chronique des Années de la Boue*, 2008). Aumenta a emigra-



Veja a entrevista no youtube

Rencontre avec le réalisateur
Christiande Chalonge



Christian de Chalonge.

ção feminina associada à melhoria da qualidade de vida da população portuguesa e a uma maior abertura face à sociedade francesa. Em 1967, emigraram para França, oficialmente, quase tantas mulheres quantos os homens (48%); em 1968, emigraram, oficialmente, mais mulheres do que homens (53,5%; fonte: Antunes, M.L. Marinho, “Vinte ano de emigração portuguesa”, *Análise Social*, XVIII (30-31), pp. 299-385, p. 332).

Meio século depois da estreia de *O Salto*, Christian de Chalonge confidencia “que pretendia fazer um filme sobre (...) a solidão de um homem numa grande cidade que fantasma sobre todas as coisas que lhe podem acontecer, e às quais não pode participar” (Inês Espírito Santo, *Rencontre avec le réalisateur Christian de Chalonge*, ISCTE-IUL, 2015: <https://www.youtube.com/watch?v=xIXN45E8IQA>). O título preferido por Christian de Chalonge para o filme era “a viagem do silêncio” (*Voyage of Silence* é, aliás, o título da versão inglesa). A multiplicação de notícias sobre portugueses mortos nos Pirenéus e abandonados pelos passadores em Espanha contribuiu para que, entre outras possibilidades, tenha optado pela imigração portuguesa. A “solidão de um homem numa grande cidade” é, assim, encarnada por um emigrante português clandestino acabado de chegar a Paris. Este apontamento de Christian de Chalonge é oportuno. Ajuda a perceber a configuração e o propósito

do filme, que ganha em ser dividido em duas partes: a viagem até França; e os primeiros dias em Paris.

A primeira parte, incluindo o genérico, dura 27 minutos; a segunda, mais de 57 minutos. Mas a diferença não é meramente quantitativa. Durante a viagem, o olhar da câmara tende a ser panorâmico. Centra-se mais no todo do que nos detalhes. Predominam o contexto e o conjunto. Há momentos em que as pessoas lembram, metaforicamente, “carneiros em transumância” (Gonçalves, Ricardo, Lisboa, *Perspectivas & Realidades*, 1981): a junção inicial, a passagem do rio, a deslocação nos camiões, a fuga dos passadores... Esta vontade de abrangência espelha-se no infortúnio desmedido de António: traído pelos passadores e alvejado pela guarda civil. Só falta a detenção na prisão de Girona para compor o catálogo da desgraça. O protagonista, António Ferreira, raramente se destaca como indivíduo. Faz parte de um fluxo.

Em Paris, a câmara e o olhar passam a demorar-se nos detalhes e nos fragmentos. António salta de contexto para contexto sem nexos nem fio condutor. Reduz-se a uma peça sem lugar no enorme puzzle movediço. António e o espectador são acometidos por uma sensação de estranhamento, impotência e abandono. Em suma, a solidão e o desnorde na paisagem urbana. António não se cansa de lançar âncoras, todas sem amarras.



Olha para tudo e ninguém o reconhece. Na estação, no meio da multidão, vacila. Na rua, caminha desamparado. No hotel, não consegue adormecer com o ruído de uma casa de cinema. Aturdido, enrosca-se na cama em posição fetal. São pequenos detalhes de uma cidade imprevisível e inóspita. Os contactos guardados no bloco-notas revelam-se de pouco préstimo. Há amizades que mudam consoante o país. A determinação do homem que atravessou os Pirenéus resulta abalada. Episódio a episódio, opera-se uma “mortificação do eu”(Goffman, Erving, Manicômios, prisões e conventos, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001).

Nos arredores de Paris, situa-se o bairro de Champigny. No filme, surge como um contraponto à cidade. É um mundo à parte, uma plataforma onde se cruzam caminhos e destinos. Um espaço cardeal do filme. A primeira paragem de António na região parisiense é, precisamente, à entrada do bairro. Na última cena, vai para lá morar.

As condições materiais de habitação do bairro de Champigny eram deploráveis. No filme, um emigrante português chama-lhe uma “estrumeira”. Chegou a albergar 14 000 pessoas. Mas a humanidade também se alberga nestas barracas. Tendemos a associar o miserável e o doloroso ao desumano. Não é evidente! A emigração clandestina para França constituiu uma provação física e moral enorme, o que

não impediu a emergência de gestos de dignidade e solidariedade notáveis. Os primeiros tempos dos emigrantes em França foram, muitas vezes, pautados pelo desânimo e pela privação. Nem por isso a humanidade desertou os contentores dos estaleiros da construção civil (*chantiers*), os quartos de hotel superlotados ou as barracas dos bairros da lata. “O papel da dor, das decepções e dos pensamentos sombrios não é de nos amargar, de nos fazer perder o nosso valor e a nossa dignidade, mas de nos amadurecer e de nos purificar (Hermann Hesse, *Peter Camenzind*, 1904). É este húmus de humanidade, contraposto à corrosão urbana, que Gérald Bloncourt fotografa e Christian de Chalonge filma: a lama, as crianças a brincar, os momentos de convívio, as caixas de correio, os fontanários, o barbeiro, o fotógrafo... A proximidade de olhares dos dois autores é de tal ordem que várias cenas do filme *O Salto* lembram fotografias de Gérald Bloncourt em movimento.

As primeiras e as últimas imagens do filme entrelaçam-se. O filme abre com a carta de aliciamento e fecha nas vielas do bairro de Champigny, logo após o “contrato de instalação”. Carta e contrato, ambos da autoria de Carlos, sobressaem como chavetas que abrem e fecham a história. A carta, um embuste, e o “contrato”, um abuso. Sem progressos, sem dinheiro, sem forças e sem ânimo, como um salmão cansado, António não resiste



à proposta injusta de Carlos: perfilam-se longos os dias de trabalho para pagar os “papéis”, um lugar em Champigny e um emprego medíocre.

Na emigração para França, insinuavam-se os *dépanneurs* (“solucionadores”) que ajudavam, os conterrâneos a ultrapassar dificuldades (Rocha-Trindade, Maria Beatriz, *Immigrés Portugais*, Lisboa, ISCSPU, 1973). Uns, movidos pela generosidade espontânea, outros, pelo interesse calculista. Estes últimos são profissionais especializados em aflições alheias. Além de Carlos, no filme aparece um segundo *dépanneur* a vender empregos perto do Comissariado da Polícia. Onde há portugueses, há portugueses a viver à custa de portugueses. “Evidentemente, também havia exploradores. Havia um português que vinha de Lisboa de avião receber o dinheiro de 100 barras de que era proprietário” (Henri-Marie Le Boursicaud, testemunho no documentário *Les bidonvilles de Champigny-sur-Marne*, Demain-TV, 2009).

O olhar minucioso, próximo e compassado concorre para que *O Salto* se distinga como uma obra ímpar. O período de transição entre a chegada a França e a instalação na sociedade francesa tende a não despertar a memória dos emigrantes. Muitas obras (estudos, filmes, romances) reproduzem este silêncio. Um jogo de ecos sem som. Não obstante, a expe-

riência existiu, para muitos durante demasiado tempo. E deixou marcas. *O Salto* lembra, por vezes, um documentário. São imagens únicas de um passado cicatrizado. O valor do filme não é apenas estético, é também histórico. Importa preservá-lo, como pede o próprio realizador. Há filmes que desaparecem sem deixar cópia capaz de garantir a projeção. Por exemplo, o filme *Cruz de Ferro*, de Brum do Canto (1968), filmado em Castro Laboreiro.

O Salto termina com António a negociar a legalização, o emprego e o alojamento. Esta trilogia não culmina, porém, o ciclo da emigração clandestina. O emigrante torna-se legal em França, mas continua ilegal, senão refratário, em Portugal. António visitará, mais ano, menos ano, a sua terra. Com salvo-conduto até à fronteira, entra a salto e a salto sai, prudentemente discreto durante a estadia. Corre o risco de ser preso em Portugal ou em Espanha. Nos jornais regionais, o pedido mais insistente das crónicas dos correspondentes em França apelava à legalização dos emigrantes clandestinos por parte das autoridades portuguesas (Gonçalves, Albertino, 1996, *Imagens e Clivagens*, Porto, Afrontamento). O ciclo da emigração clandestina era deveras longo, estendia-se para além do filme.

Nem todos os emigrantes portugueses tiveram o azar de António. A maioria, com passaporte de emigrante, de turista ou de “coelho”, desfrutou do apoio de redes de conterrâneos, familiares, vizinhos e amigos, que reduziram a incerteza e a insegurança.

A produção do filme *O Salto* convocou muitos portugueses, mormente ao nível dos atores, a começar por Marco Pico, o protagonista, e Luís Cília, o compositor da música. O tema principal tornou-se um clássico. Prefiro a versão assobiada por Luís Cília, com Paco Ibañez à viola. Acode-me a sombra melódica de um herói problemático a braços com uma história sem fim. ●



CASA DA CULTURA



**TORRE
DO CASTELO**



**AUDITÓRIO
LAMAS DE MOURO**

PROGRA- MAÇÃO



**ARBO - GALIZA
PRAÇA CENTRAL**



**FREGUESIA DE
CASTRO LABOREIRO**



**FREGUESIA
DE PARADA DO
DO MONTE**



**FREGUESIA
DE CRISTÓVAL**

DIA 04 AGOSTO

terça-feira

17H00 CASA DA CULTURA UNSTILL LIVES

DAZ CHANDLER
(Austrália, 2014, 11')

TO BE A POET

MICHAEL JOHNSTON
(Austrália, 2014, 2'43")

OVER THE RIVER

DOROTTYA ZURBÓ
(Portugal, 2013, 10')

A THOUSAND MILES FROM THE REVOLUTION

BEHZAD ADIB
(Canadá, 2013, 12')

17H45 CASA DA CULTURA L'ABRI

FERNAND MELGAR
(Suíça, 101', 2014)

21H00 CASA DA CULTURA Inauguração da exposição NÓS, POR CÁ E POR LÁ

21H30 CASA DA CULTURA

SESSÃO ABERTURA

Apresentação dos documentários

PLANO FRONTAL

22H00 SESSÃO ESPECIAL

CRISTÓVAL (S. GREGÓRIO)

Sessão ao ar livre

O SALTO

CHRISTIAN DE CHALONGE
(França, 1973, 88')

DIA 05 AGOSTO

quarta-feira

17H00 CASA DA CULTURA CHANTAL

JOANA DE VERONA
(França, 2013, 22')

17H22 CASA DA CULTURA DE ARMAS E BAGAGENS

ANA DELGADO MARTINS
(Portugal / Angola, 2013, 72')

21H30 CASA DA CULTURA NOWHERE TO CALL HOME: A TIBETAN IN BEIJING

JOCelyn FORD
(EUA, 83', 2014)

22H00 SESSÃO ESPECIAL

Freguesia PARADA DO MONTE

Sessão ao ar livre

DE ARMAS E BAGAGENS

ANA DELGADO MARTINS
(Portugal / Angola, 2013, 72')

DIA 06 AGOSTO

QUINTA-FEIRA

17H00 CASA DA CULTURA

ONCE UPON A TIME

kazim oz

(Turquia, 81', 2014)

Com a presença do realizador

18H30 CASA DA CULTURA

MEIO CHEIO, MEIO VAZIO

aLexandre martins

(Portugal, 2014, 65')

Com a presença do realizador

21H30 CASA DA CULTURA

EVAPORATING BORDERS

IVA RADIOVOJEVIC

(Portugal, 2014, 65')

Com a presença do realizador

22H00 SESSÃO ESPECIAL

CASTRO LABOREIRO

CENTRO CÍVICO

CARTA DE CHAMADA

CRISTINA FERREIRA GOMES

(Portugal, 2002, 52')

DIA 07 AGOSTO

SEXTA-FEIRA

17H00 CASA DA CULTURA

MEIO

CLARISSA BECKERT

e *PEDRO HENRIQUE RISSE*

(Brasil, 2014 | 20')

Com a presença do realizador

AQUI TEM GENTE

LEONOR AREAL

(Portugal, 2013, 81')

Com a presença do realizador

22H00 SESSÃO ESPECIAL

ARBO Praça Central / Galiza

ÁLBUM DE FAMÍLIA

fernand melçar

(USA/Chipre, 2014, 73'')

DIA 08 AGOSTO

SÁBADO

10H00 CASA DA CULTURA

Visita à exposição de fotografia

NÓS, POR CÁ E POR LÁ

Visita acompanhada por emigrantes

10H45 CASA DA CULTURA

INTERNAT

maurilio mangano

(Itália, 2014, 71')

14H30 - 15H30 ESPAÇO MEMÓRIA E FRONTEIRA

Visita ao Espaço **MEMÓRIA E FRONTEIRA**,
com Albertino Gonçalves

16H00 - 17H00

Visita ao **CENTRO HISTÓRICO DE MELGAÇO**
e ao **SOLAR DO ALVARINHO**

17H30 - 19H00 CASA DA CULTURA

EL JUEGO DEL ESCONDITE (HIDE AND SEEK)

DAVID MUÑOZ

(Espanha, 2015, 23')

Com a presença do realizador

NERMINA'S WORLD

vittoria fiumi

(Itália, 2014, 54')

Com a presença da realizadora

21H30 CASA DA CULTURA

SOUVENIRS D'UN FUTUR RADIEUX

JOSÉ VIEIRA

(França, 2014, 90')

Com a presença do realizador

DIA 09 AGOSTO

DOMINGO

10H30 SESSÃO ESPECIAL

Auditório de Lamas de Mouro

LORETTE ET LES AUTRES

DOMINIQUE DANTE

(França, 40', 1973)

Conversa com **Carlos da Fonseca, Sérgio Godinho e José Vieira**. Moderador **Álvaro Domingues**.

16H30 - 17H48 CASA DA CULTURA

9546 Km

SERGIO LOCATELLI

(Perú / Espanha, 2013, 4')

Com a presença do realizador

XENOS

MAHDI FLEIFEL

(Reino Unido, Grécia, Dinamarca, 2013, 12')

Com a presença do realizador

GO FORTH

SOUFIANE ADEL

(França, 62', 2014)

Com a presença do realizador

18H30 CASA DA CULTURA

ENTREGA DO PRÉMIO

JEAN LOUP PASSEK

21H00 MUSEU DE CINEMA

JEAN LOUP PASSEK

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

MANOEL DE OLIVEIRA

22H00 SESSÃO ESPECIAL

TORRE DE MENAGEM DE MELGAÇO

CINEMA NA TORRE

SESSÃO AO AR LIVRE

O SALTO

CHRISTIAN DE CHALONGE

(França, 1973, 88')

Apresentado por **Henrique Espírito Santo**

FILMES





COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 04 AGOSTO / 17H00

UNSTILL LIVES

Daz Chandler

Austrália / 2014 / 11'

Um retrato comovente da popular organização Australiana, Refugee Art Project, fundada por um grupo de artistas e acadêmicos unidos pela sua preocupação com as condições dos refugiados nos centros de detenção australianos. Desde 2010 que o coletivo organiza aulas de arte dentro destas instalações de segurança. Durante este processo, foram descobertos talentos extraordinários enquanto despertava uma verdadeira paixão pela arte. Para muitos detidos, a arte é a única, segura, fonte de conforto e meio disponível para a autoexpressão.

Realizador: **Daz Chandler** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Daz Chandler**
Som: **Tony Vaccher, AudioLoc** Montagem: **Jason Azcona, Daz Chandler**
Produção: **Daz Chandler**

Daz Chandler

Depois de estudar produção cinematográfica, Daz Chandler começou a sua carreira em publicidade e relações públicas. Querendo desenvolver o seu trabalho como escritora e radialista, produziu rádio e televisão, trabalhou na imprensa e em eventos artísticos, bem como curadoria em Sydney e Newcastle.

No final de 2008, inspirada pela democratização dos meios de comunicação e aparecimento do jornalismo independente, criou "Radio Lajee", um projeto em língua inglesa para jovens refugiados da Palestina que vivem na Cisjordânia ocupada. Recentemente, tem passado grande parte de seu tempo a realizar um documentário chamado "Amand(l)a" que segue a vida de uma jovem mulher, politicamente motivada, nascida no ano do chamado Processo de Paz de Oslo, dentro da Cisjordânia.

Daz está também na direcção do Refugee Art Project, em Sidney, e a sua curta-metragem "Unstill Lives" documenta o trabalho do Refugee Art Project com a comunidade de refugiados da Austrália.

Colabora com artistas como videografa, filma, realiza, produz videocliques e ajuda as organizações a desenvolver meios sociais inovadores e eficazes e campanhas digitais.





COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 04 AGOSTO / 17H11

SER POETA TO BE A POET

michael JOHNSTON

Austrália / 2014 / 2'43''

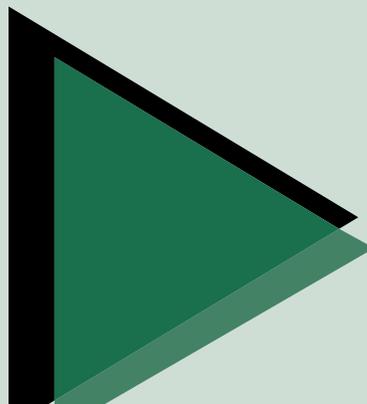
Abraham Nouk veio para a Austrália como refugiado Sudanês, sem saber ler, escrever ou falar uma palavra de Inglês. Agora tornou-se num aspirante a declamador e poeta.

Realizador: **Michael Johnston** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Michael Johnston**
Som: **Peter McGrath** Montagem: **Michael Johnston** Produção: **Michael Johnston**



michael JOHNSTON

Michael Johnston é um documentarista emergente que aspira usar a arte de contar histórias para influenciar a mudança social.





COMPETIÇÃO I MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL
E MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

CASA DA CULTURA

DIA 04 AGOSTO / 17H14

SOBRE O RIO **OVER THE RIVER**

DOROTTYA ZURBÓ

Dorotyya Zurbó, Portugal / 2013 / 10'

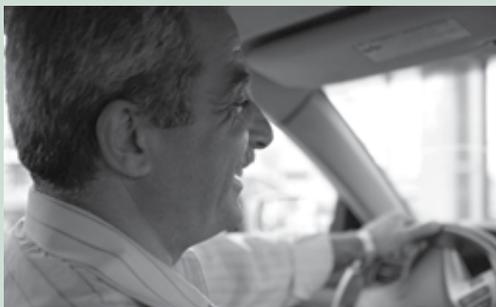
Do outro lado do rio Tejo uma fila de edifícios abandonados e em ruínas estão localizados na margem do rio, de frente para a tradicional vista que é o cartão de visita de Lisboa. Apenas restam edifícios destruídos, paredes cinzentas cobertas por grafitis, que outrora fizeram parte de um enorme estaleiro. Numa das salas abandonadas, atrás de uma cortina, vive Eddie, um jovem de 23 anos, emigrante cabo-verdiano que chegou a Portugal, sozinho, há 5 anos. Ele sonha tornar-se rapper, um dia. O filme dá-nos uma visão interior e poética da sua vida na fronteira entre dois mundos.

Realizador: **Dorotyya Zurbó** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Dorotyya Zurbó**
Som: **Dorotyya Zurbó** Montagem: **Dorotyya Zurbó** Produção: **DocNomads**

DOROTTYA ZURBÓ

Dorotyya Zurbó nasceu em Budapeste, Hungria, em 1988. É formada pelo Documentary Film Directing Master's (DocNomads) para o qual obteve bolsa integral. Também é pós-graduada em Teoria do Cinema e História pela ELTE, Budapeste. Os seus filmes têm sido reconhecidos como filmes de referência nos DocNomads e ganharam vários prémios, incluindo o Best Documentary in the Student Competition no 21º Astra Film Festival, na Roménia, em 2014. Os seus filmes foram apresentados em vários festivais como o Verzió, Balinale e Doclisboa. Está a embarcar apaixonadamente numa carreira de realização de documentários.





COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 04 AGOSTO / 17H24

A MIL MILHAS DA REVOLUÇÃO

A THOUSAND MILES FROM THE REVOLUTION

BEHZAD ADIB

Canadá / 2013 / 12'

Imad deixou Damasco para se radicar em Montreal em 1984. Desde então, divide o seu tempo de forma desigual entre o trabalho como motorista de táxi, a família e o consumo imoderado de boletins noticiosos. A cobertura mediática da revolução Síria alimenta o seu desejo de contribuir para a criação de uma Síria livre e moderna, apesar da distância.

Realizador: **Behzad Adib** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Jean-Pierre Saint-Louis**
Som: **Marco Fania** Montagem: **Gino Civiero** Produção: **Olivier Barthomeuf**

BEHZAD ADIB

De origem iraniana, Behzad Adib estudou medicina, em França, antes de ir para Montreal prosseguir os estudos em aconselhamento de educação e relacionamento. Behzad é realizador e ator de teatro. O fascínio pelos seres humanos e o seu profundo desejo de o expressar, levou-o a concluir o L'inis Documentary Program.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 04 AGOSTO / 17H45



O ABRIGO L'ABRI

fernand melgar

Itália / 2014 / 101'

Um abrigo noturno em Lausanne, na Suíça. Todas as noites, uma imensidão de sem-abrigo procura o local para pernoitar, mas nem todos têm lugar. L'Abri mostra como a Europa civilizada é incapaz de integrar os emigrantes e como os gestores bem intencionados daquele abrigo têm que tomar, todas as noites, as mais difíceis decisões: quem fica e quem passa a noite sob o frio intenso do inverno.

Realizador: **Fernand Melgar** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Fernand Melgar**
Som: **Elise Shubs** Montagem: **Karine Sudan** Produção: **Climage**

fernand melgar

Fernan nasceu em 1961, em Tangier, no meio de uma família Espanhola de anárquicos exilados e foi levado clandestinamente para a Suíça, pelos pais em 1963, quando estes entraram no país como trabalhadores sazonais. No início dos anos 80, com os amigos, fundou Le Cabaret Orwell, uma meca da cultura underground no oeste da Suíça, seguido pelo internacionalmente famoso clube de música rock La Dolce Vita. Depois de uma exibição de filmes experimentais, decidiu reinventar-se como realizador e produtor autodidacta de cinema independente. Foi creador de filmes experimentais e segmentos de televisão icónicos em 1983. Em 1985, ingressou na empresa de produção Climage, com quem permaneceu fiel colaborador, e produziu mais de vinte documentários bem recebidos sobre os temas de imigração e identidade. Foi o editor dos filmes de Jacqueline Veuve, cujo Le Journal de Rivesaltes foi galardoado com o Prémio de Cinema Suíço em 1998. O documentário Exit - o direito de morrer, recebeu vários prémios internacionais, incluindo o prestigiado Golden Link UER para melhor co-produção Europeia e o Prémio de Cinema Suíço em 2006. Em 2008, o documentário The Fortress ganhou o Leopardo de Ouro no Festival de Cinema de Locarno, para além de muitos outros prémios internacionais. O filme Special Flight, filmado num centro de detenção administrativa em 2011, recebeu mais de trinta prémios internacionais, incluindo o Prémio de Cinema Suíço e o Prix Europa. No filme seguinte em 2013, The World Is Like That, Fernand Melgar conta a história de alguns dos protagonistas de Special Flight depois de terem sido expulsos da Suíça. O seu filme mais recente The Shelter foi filmado num abrigo de emergência para os sem-abrigo em Lausanne.



SESSÃO ESPECIAL

CRISTÓVAL (S. GREGÓRIO)

SESSÃO AO AR LIVRE

DIA 04 AGOSTO / 22H00

SESSÃO ESPECIAL

TORRE DE MENAGEM DE MELGAÇO

SESSÃO AO AR LIVRE

DIA 09 AGOSTO / 22H00



O SALTO

CHRISTIAN DE CHALONGE

França / 1967 / 88'

Antônio é um marceneiro português que, para fugir à guerra colonial e à pobreza, decide emigrar para França, respondendo ao desejo de um amigo. À dureza da travessia da fronteira, somam-se as dificuldades em Paris. Sem documentos, sem trabalho e sem falar francês, Antônio deambula pela cidade em busca de Carlos, o amigo que lhe prometeira ajuda. Neste seu percurso solitário, a esperança e o otimismo vão dando lugar à desilusão, sentimento partilhado por muitos portugueses com quem se vai cruzando. Filme emblemático sobre a emigração portuguesa clandestina, O Salto está imbuído de uma forte carga política e ideológica, fruto do ambiente efervescente vivido em França na época. O crescente fluxo migratório, as condições em que partiam os emigrantes – a pé e em camionetas de carga – e a forma como eram recebidos em França são questões retratadas de forma crua e realista.

Realizador: **Christian de Chalonge** Imagem: **Alain Derobe** Som: **Guy Villette, Victor Revelli** Música: **Luís Cília** Montagem: **Hélène Arnal, Annie Charvein, Liliane Bobovnikoff** Atores: **Marco Pico, Antonio Passalia, Ludmila Mikael, Henrique de Sousa e António Assunção** Produção: **Philippe de Broca**

CHRISTIAN DE CHALONGE

Realizador e argumentista, Christian de Chalonge nasceu em Douai, França., em 1937. Filmografia como realizador: *Le Bourgeois gentilhomme* (2009); *Le Malade imaginaire* (2008); *L'Avare* (2006) *Maigret: La maison de Félicie* (2002); *Maigret chez le ministre* (2002); *Maigret et le marchand de vin* (2002); *Maigret: Un meurtre de première classe* (1999); *Le Comédien* (1997); *Le Bel été 1914* (1996); *Le Voleur d'enfants* (1991); *Le Diable en ville* (1990); *Docteur Petiot* (1990); *Malevil* (1980); *L'Argent des autres* (1978); *L'Alliance* (1970); *O Salto* (1968).





COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 05 AGOSTO / 17H00 - 17H22

CHANTAL

JOANA DE VERONA

França / 2013 / 22'

Ali faz e refaz Chantal. Ela é a sua companheira. O seu espelho. Este documentário para além de um retrato sobre a solidão de um homem e seus comportamentos, é também uma reflexão de como, sentindo-se desenraizado do seu país, cria uma realidade particular numa grande capital europeia, num país longe do seu, onde Ali não está inserido nem se relaciona com nenhum membro da comunidade Turca em Paris.

Realizador: **Joana de Verona** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Joana de Verona**
Som: **Letizia Buoso, Ana Fuga, Clara Iparraguirre, Valérie Rohart, Mina Rad**
Montagem: **Susana Kourjian** Produção: **Ateliers Varan**



JOANA DE VERONA

Joana de Verona, atriz luso brasileira (nascida em 1989) formou-se em teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Participou em filmes, como "Como desenhar um círculo perfeito" (2009), de Marco Martins, "Mistérios de Lisboa" (2010), de Raul Ruiz, "As linhas de Wellington" (2012), de Valeria Sarmiento, "Rafa" (2012), de João Salaviza, e o recente "Mil e uma noites" (2015), de Miguel Gomes.

"Chantal" é o seu primeiro documentário, realizado no âmbito do curso de realização dos Ateliers Varan, em Paris.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL
E MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

CASA DA CULTURA

DIA 05 AGOSTO / 17H22

SESSÃO ESPECIAL

PARADA DO MONTE / SESSÃO AO AR LIVRE

DIA 05 AGOSTO / 22H00



DE ARMAS E BAGAGENS

ana delgado martins

Portugal / Angola / 2013 / 72'

O que levaria consigo se tivesse que fugir de casa sem saber se regressaria? Entre 1974 e 1976, perto de 300 mil Portugueses abandonaram Angola. Mais de 100 mil tinham nascido lá. Esta é a história das incríveis fugas de Angola por terra, mar, e ar, e de tudo aquilo que não quiseram deixar para trás.

Realizador: **Ana Delgado Martins** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Marta Pessoa**
Som: **Paulo Cerveira** Montagem: **Márcia Costa** Produção: **Real Ficção**

ana delgado martins

Nascida em 1981, Ana Delgado Martins leva uma vida dupla, própria de quem gosta de contar histórias em todas as frentes. De manhã, é produtora e repórter de rádio. De tarde, escreve argumentos e realiza filmes. No Verão de 2010, venceu uma bolsa de estudo da ZON que a levou até à Universidade do Texas, em Austin, para um curso intensivo de realização, argumento e produção de cinema. Assim surgiu a sua primeira curta-metragem, “Volta”, que venceu o prémio de Melhor Fotografia nos prémios anuais do festival Shortcutz Lisboa 2010. A segunda curta, “Encadeados”, venceu o prémio Canon no Lisbon & Estoril Film Festival 2011. DE ARMAS E BAGAGENS é a sua primeira longa-metragem. Foi produzida em 2013 pela Real Ficção e Africa Zoom’in, com apoio do ICA (Instituto do Cinema e Audiovisual), da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) e do Programa MEDIA.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 05 AGOSTO / 21H30

UMA TIBETANA EM PEQUIM

NOWHERE TO CALL HOME: A TIBETAN IN BEIJING

JOCELYN FORD

EUA / 2014 / 83'

Viúva aos 28 anos, Zanta, uma camponesa Tibetana, desafia o sogro tirânico e, depois da morte do seu marido, recusa-se a casar com o único filho sobrevivente da família. Quando os sogros de Zanta impedem o seu filho de sete anos de ir à escola, ela foge da aldeia e segue para Pequim, tornando-se vendedora de rua. Pobre e em apuros pela discriminação sofrida, Zanta consegue persuadir uma cliente estrangeira em ajudá-la a pagar as propinas da escola do filho. Durante uma visita de Ano Novo de regresso à aldeia, os sogros de Zanta raptam o menino, atraindo a involuntária Americana para o seio do violento feudo familiar. As duas mulheres forjam uma relação para tentar ludibriar os sogros que, segundo a tradição, têm a palavra final sobre o destino do neto.

Realizador: **Jocelyn Ford** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Jocelyn Ford, Kai Yang, Wu Hao** Som: **Lillian Luan Audio Mixer** Montagem: **Geoff Gruetzmacher, Emma Morris, Gigi Wong** Produção: **Jocelyn Ford, Wu Hao**



JOCELYN FORD

Jocelyn Ford, antiga chefe de bureau em Pequim e Tóquio para o programa de rádio estatal americano Marketplace, está baseada na Ásia Oriental há mais de três décadas. A sua reportage pioneira e inovadora sobre as “mulheres de conforto” na década de 90 foi catalizadora para o aumento da tomada de consciência sobre os abusos sofridos pelas mulheres durante a 2ª Guerra Mundial por parte de militares Japoneses. Durante os três anos de filmagens de NOWHERE TO CALL HOME, Jocelyn superou restrições de acesso a comunidades Tibetanas para conseguir iluminar as escolhas complexas que enfrentam os agricultores Tibetanos residentes na China contemporânea, e proporcionar novas introspecções sobre a fragilidade social na potência em ascensão mais rápida do mundo.



COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA
DIA 06 AGOSTO / 17H00

ERA UMA VEZ ONCE UPON A TIME

Kazim Oz

Turquia / 2014 / 81'

Todos os anos, uma pobre e numerosa família Curda deixa Batman com destino a Ankara para trabalhar nos campos agrícolas. Sem quaisquer benefícios e com salários muito baixos, a família trabalha para ganhar a vida cultivando alface. Este ano, a história toma um rumo diferente em preparação para uma inesperada história de amor. A história que a mãe vai contando aos filhos dentro da tenda, no campo, torna-se realidade. Este docudrama descreve igualmente o processo do cultivo da alface desde o campo até às nossas mesas. Revela as muitas histórias e árduo labor que estão por detrás da comida mais simples que encontramos à mesa. E mostra também que a escravatura moderna continua a existir, mesmo no mundo de hoje.

Realizador: **Kazim Oz** Formato: **HD** Imagem: **Kazim Oz, Semih Yildiz**

Som: **Selahattin Mardin** Montagem: **Kazim Oz, Semih Yildiz**

Produção: **Yapim13 Film Production & Al Jazeera**



kazim öz

Nasceu em 1973 em Dersim, na Turquia. Com a sua primeira curta-metragem "Ax (The Land)" ganhou vários prémios internacionais. Terminou a sua primeira longa-metragem "Fotoğraf (The Photograph)" em 2001 e ganhou vários prémios. Um dos festivais foi o National Geographic All Roads Film Festival. O filme foi lançado na Turquia e na Alemanha em 2002. Em 2005, com seu primeiro documentário "Dur (The Distant, 74 min)" ganhou o prémio "The Best Documentary" em Nurnberg IFF e em Ancara IFF.

Produziu e realizou o filme "Bahoz (The Storm, 2008)", guião que transformou num livro publicado pela Ágora Kitaplığı em 2011.

O docudrama "Demsala Dawi: Şewaxan" (The Last Season of Shawaks), que realizou em 2010, foi comprado e vendido por Arte-France e foi emitido em muitas televisões internacionais.

Em 2011 foi membro do júri de Milano Film Festival.

Ganhou o prémio Libraries Award no Cinema du Reel; FIPRESCI Award & Special Mention of Jury Award em Istanbul IFF; Best International Feature em Montreal Intl Documentary Festival com o "He Bû Tune Bû (Once Upon a Time, 2014)".





COMPETIÇÃO I MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL
E MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

CASA DA CULTURA

DIA 06 AGOSTO / 18H30

Com a presença do realizador



MEIO CHEIO MEIO VAZIO

alexandre martins

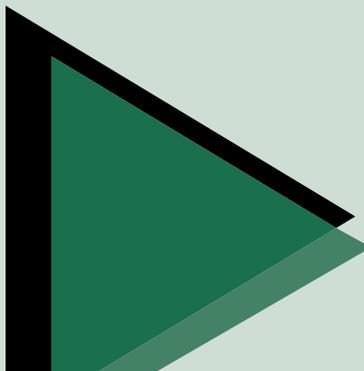
Portugal / 2014 / 65'

Filme na primeira pessoa, que relata a emigração de dois amigos. Ela, Alberta, já teve experiências anteriores a trabalhar no estrangeiro; ele, Alexandre, é a primeira vez que sai do país para trabalhar.

Realizador: **Alexandre Martins** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Alexandre Martins**
Som: **Alexandre Martins** Montagem: **Alexandre Martins**
Produção: **Alexandre Martins**

alexandre martins

Alexandre Martins é formado em cinema, ramo de escrita de argumento, pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Presentemente trabalha como ator e como formador na área do audiovisual.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 06 AGOSTO / 21H30

EVAPORATING BORDERS

Iva Radivojevic

USA/Chipre / 2014 / 73'

Evaporating Borders é um ensaio visual sobre as atitudes globais em relação às populações migratórias. Tendo como guia as reflexões pessoais e olhar curioso do realizador, o filme disseca a experiência dos refugiados no Chipre e reflete sobre temas como a migração, tolerância, identidade e sentimento de pertença.

Realizador: **Iva Radivojevic** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Iva Radivojevic**

Som: **Josh Berger, John Moros, Ian Gaffney-Rosenfeld** Montagem: **Iva Radivojevic**

Produção: **Ivaasks Films**



Iva Radivojevic

Iva Radivojevic é uma cineasta premiada a viver em Brooklyn, NY. Passou os seus primeiros anos na Jugoslávia e em Chipre antes de se estabelecer em NY. Os seus filmes exploram o tema da identidade, migração e imigrantes. Os filmes de Iva têm sido exibidos em vários festivais de cinema, incluindo SXSW Film Festival, Rotterdam IFF, Human Rights Watch, HotDocs Film Festival, foram mostrados no Museu de Arte Moderna (MOMA) e foram transmitidos na PBS, The Documentary Channel, bem como no New York Times Op-Docs. Iva foi nomeada uma das 25 New Faces of Independent Film em 2013 pela Filmmaker Magazine. O seu primeiro documentário de longa duração "Evaporating Borders" foi recentemente nomeado para o prémio International Documentary Association (IDA) Award bem como para o Cinema Eye Honors Spotlight Award e está, actualmente, em exibição por vários países.





SESSÃO ESPECIAL

FREGUESIA DE CASTRO LABOREIRO

(CENTRO CÍVICO)

DIA 06 AGOSTO / 22H00

CARTA DA CHAMADA

CRISTINA FERREIRA GOMES

Portugal / 2002 / 52'

A fotografia mostra-os juntos. É um grupo de mulheres e homens que o destino reuniu. E é o retrato de uma geração, de um pedaço de Portugal que atravessou o Atlântico em busca de uma vida dourada num país que fala a mesma língua. Cinquenta anos depois, que aconteceu a estas pessoas que o acaso de um dia da viagem juntou num instante a preto e branco?

Realizador: **Cristina Ferreira Gomes** Imagem: **Miguel Salles Lopes**

Imagem adicional: **David Matos** Som: **Armanda Carvalho** Edição: **Helena Alves**

Pós Produção áudio: **António Pinto** Direcção de Produção: **Lila Lacerda**

Secretária de Produção: **Ana Gomes** Assistente de produção no Brasil: **Heitor Mizuki**

Pesquisa: **Cristina Ferreira Gomes, Adriana dalla Ono, Sílvia Guimarães,**

Ana Gomes, Paula Oliveira Produção: **Nanook**



CRISTINA FERREIRA GOMES

Trabalhou como jornalista e guionista. Atualmente, é realizadora e produtora. Realizou os documentários: Max, o Menino do Assobio, 2015, Laurinha, 2012, Domingo à Tarde, 2012, Menina Limpa Menina Suja, 2011, Carta de Chamada, 2005, Mulheres ao Mar, 2002.





COMPETIÇÃO I MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 07 AGOSTO / 17H00

MEIO

CLARISSA BECKERT, PEDRO HENRIQUE RISSE

Brasil / 2014 / 20'

Meio lida com o imaginário da identidade cultural de uma comunidade mulipatrimonial: Na Vila Rica, uma área rural na municipalidade Presidente Lucena, no sul do Brasil, Lina, de 83 anos, vive e relembra. Ela apenas sabe falar e compreender o dialeto Alemão Hunsrückisch. Como descendente de Alemães a viver no Brasil, ela mal consegue comunicar com os netos, que vão sendo educados a falar Português brasileiro. Numa escola próxima, as crianças aprendem Alemão, tentando imaginar a pátria dos seus antepassados e questionando o que isso tem a ver com as suas vidas no Brasil. O filme desenvolve uma narrativa baseada em contrapontos que vão sublinhando a distância que existe entre gerações de descendentes de Alemães no Vale dos Sinos, em Rio Grande do Sul. O que significa ser Brasileiro? O que significa ser Brasileiro-Alemão? Ou Alemão? O filme lida com a questão da identidade como sendo algo pendente entre a memória e o imaginário e vê a linguagem como um meio para comunicar e expressar esta identidade.

Realizador: **Clarissa Beckert, Pedro Henrique Risse** Formato: **HD 16:9**
Imagem: **Pedro Henrique Risse** Som: **André Garcia** Montagem: **Clarissa Beckert, Pedro Henrique Risse** Produção: **Clarissa Beckert, Pedro Henrique Risse**



CLARISSA BECKERT

Clarissa Beckert nasceu em Colonia, Alemanha, em 1987. A sua mãe é brasileira e o seu pai alemão. Perguntas e interrogações sobre a identidade cultural são questões constantes na sua vida. Depois do seu Abitur na Alemanha, Clarissa obteve uma licenciatura em Antropologia, Sociologia e Ciência Política na Pontifícia Universidade Católica, em Porto Alegre. Atualmente, está a fazer o seu mestrado em Antropologia Cultural e Social na Freie Universität Berlin.

PEDRO HENRIQUE RISSE

Pedro Henrique Risse nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1985. Em 2010, formou-se em Produção Audiovisual na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. No mesmo ano, cofundou a produtora VERTE Filmes com dois colegas. Pedro trabalha nos domínios da cinematografia, edição e escrita de argumentos.



COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL
E MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

CASA DA CULTURA

DIA 07 AGOSTO / 17H20

Com a presença da realizadora

AQUI TEM GENTE

LEONOR areal

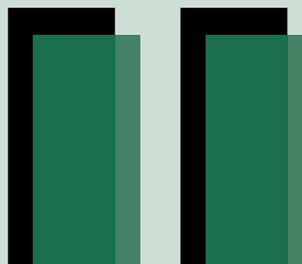
Portugal / 2013 / 81'

Portugal, Europa, 2011. Às portas de Lisboa, um bairro de lata está em vias de ser demolido. A Câmara Municipal de Loures parece firme na sua decisão, mas não apresenta soluções alternativas de alojamento. Na iminência de ficar sem teto, os moradores do Bairro da Torre organizam-se para negociar com a Câmara e defender o seu direito à habitação, num processo com avanços e recuos, derrotas e vitórias. No Bairro da Torre coexistem etnias sobretudo ciganas e africanas, e imigrantes que chegaram nos anos 90 para as grandes obras do regime. A crise atirou-os para o desemprego e a miséria. Agora batem-se pelos seus direitos e dignidade humana. As mulheres assumem um papel central na defesa da casa e da família. Aqui Tem Gente acompanha o processo negocial, os problemas e conflitos desta população que, embora anarquicamente, consegue organizar-se e lutar pelos seus direitos. O documentário levanta ainda outras questões. Qual o papel dos ativistas no apoio à organização da comunidade? Que política de habitação social para o atual momento de crise?

Realizador: **Leonor Areal** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Leonor Areal**
Som: **Rui Viana Pereira** Montagem: **Leonor Areal** Produção: **Obra Aberta**

LEONOR areal

Leonor Areal nasceu em Lisboa em 1961 e aos 8 anos teve um prémio literário com o qual comprou uma bicicleta e a primeira máquina fotográfica. Depois de um curso de literatura, dedicou-se ao vídeo. Com Há Drama na Escola (1993) ganhou uma bolsa de estudo na New York Film Academy. Geração Feliz (2000) passou no canal por cabo Odisseia. Ilusária – A minha vida dava um filme (2002) foi exibido em três episódios na RTP Fora da Lei obteve uma menção especial no festival DocLisboa 2006, uma nomeação para o prémio Novos Olhares no festival LGBT de Torino 2008, e foi publicado em DVD pela editora Midas (2009).





SESSÃO ESPECIAL

ARBO PRAÇA CENTRAL/GALIZA

DIA 07 AGOSTO / 22H30

ALBUM DE FAMÍLIA ALBUM DE FAMILLE

fernand melgar

Suíça / 1993 / 54'

A Suíça experimentou nos anos 50 e 60 um crescimento económico sem precedentes. Para lidar com um aumento da necessidade de mão-de-obra foi buscar ao sul da Europa quase um milhão de trabalhadores estrangeiros, italianos, portugueses e espanhóis, principalmente. Este filme fala sobre a emigração de uma família cuja característica é ser como milhares de outras famílias espanholas que vieram para a Suíça, na esperança de reconstruir suas vidas.

Realizador: **Fernand Melgar** Formato: **4:3** Imagem: **Camille Cottagnoud**
Som: **Pascal Fleury, Bernard Seidler** Montagem: **Stephane Goel**
Produção: **Climage**

fernand melgar



Fernan nasceu em 1961, em Tangier, no meio de uma família Espanhola de anárquicos exilados e foi levado clandestinamente para a Suíça, pelos pais em 1963, quando estes entraram no país como trabalhadores sazonais. No início dos anos 80, com os amigos, fundou Le Cabaret Orwell, uma meca da cultura underground no oeste da Suíça, seguido pelo internacionalmente famoso clube de música rock La Dolce Vita. Depois de uma exibição de filmes experimentais, decidiu reinventar-se como realizador e produtor autodidacta de cinema independente. Foi creador de filmes experimentais e segmentos de televisão icónicos em 1983. Em 1985, ingressou na empresa de produção Climage, com quem permaneceu fiel colaborador, e produziu mais de vinte documentários bem recebidos sobre os temas de imigração e identidade. Foi o editor dos filmes de Jacqueline Veuve, cujo Le Journal de Rivesaltes foi galardoado com o Prémio de Cinema Suíço em 1998. O documentário Exit - o direito de morrer, recebeu vários prémios internacionais, incluindo o prestigiado Golden Link UER para melhor co-produção Europeia e o Prémio de Cinema Suíço em 2006. Em 2008, o documentário The Fortress ganhou o Leopardo de Ouro no Festival de Cinema de Locarno, para além de muitos outros prémios internacionais. O filme Special Flight, filmado num centro de detenção administrativa em 2011, recebeu mais de trinta prémios internacionais, incluindo o Prémio de Cinema Suíço e o Prix Europa. No filme seguinte em 2013, The World Is Like That, Fernand Melgar conta a história de alguns dos protagonistas de Special Flight depois de terem sido expulsos da Suíça. O seu filme mais recente The Shelter foi filmado num abrigo de emergência para os sem-abrigo em Lausanne.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 08 AGOSTO / 10H45

INTERNATO INTERNAT

maurilio mangano

Itália / 2014 / 71'

O cenário é a Geórgia, vinte anos depois do conflito étnico entre a Geórgia e a Abcásia que, entre 1992 e 1993, aterrorizou de forma sangrenta um país já posto à prova por uma longa guerra civil. A história decorre em Kutaisi, especificamente no Internat, um antigo edifício escolar ocupado por cerca de sessenta famílias da Abcásia que escaparam à guerra na Geórgia em 1993. Os protagonistas são três irmãos, Gia, Gela e Lado Ugrexelidze, as suas famílias, a sua mãe, filhos e netos. Há mais de vinte anos que vivem no Internat, dia após dia, construindo as suas casas, que servem como santuários para o que é agora a memória das suas vidas passadas, terra natal e as memórias de infância. Acima de tudo, a recuperação dos túmulos dos seus antepassados é crucial de forma a manter intacta a ligação entre eles e a sua existência cultural. As crianças que cresceram no Internat, por sua vez, herdaram as mesmas tradições dos seus pais, mas encontraram maneira de as transformar num jogo ao exagerarem as aventuras desses heróis da guerra narradas pelos pais. O Internat é um “lar” temporário, um vestíbulo de memórias, fantasmas e nostalgia.

Realizador: Maurilio Mangano Formato: HD 16:9 Imagem: Irma Vecchio Som: Danilo Romancino Montagem: Chiara Andrich Produção: Claudio La Mantia



maurilio mangano

Maurilio Mangano, Palermo, Itália, 1980. Em 2002 começou a trabalhar no cinema como assistente de realização e como assistente de produção para, em seguida, se especializar como diretor de casting através dos seus vários Street Castings para várias produções cinematográficas, televisivas e produção de documentários.

Em 2010 assinou o primeiro trabalho como realizador com a curta "What's the difference?". Em 2014 escreveu e realizou o seu primeiro filme, "Internat", um documentário sobre os filhos da guerra Geórgia-Abcásia de 1992-1993. Também trabalha como fotógrafo e jornalista, colaborando com a revista VICE e com o Observatório dos Balcãs e Cáucaso. Vive em Tbilisi.



COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 07 AGOSTO / 17H53

Com a presença do realizador

O JOGO DAS ESCONDIDAS EL JUEGO DEL ESCONDITE (HIDE AND SEEK)

DAVID MUÑOZ

Espanha / 2015 / 23'

Uma equipa de filmagem viaja até ao Líbano para filmar um “Jogo das Escondidas” dentro de um campo de refugiados Sirios.

Realizador: **David Muñoz** Formato: **16:9** Imagem: **David Muñoz**
Som: **Beltran Rengifo** Montagem: **David Muñoz** Produção: **David Muñoz**



DAVID MUÑOZ

David Muñoz escreve, realiza e produz filmes documentários e de ficção. Vencedor do Goya Award to Best Short Documentary com o “Flowers of Rwanda”. O seu filme “The Infinite Jest” recebeu o prémio Jury Award for Best Short Documentary no Aljazeera Documentary Film Festival. O seu filme “Another Night on Earth” ganhou o prémio dos críticos de cinema FIPRESCI, no DOK Leipzig, o prémio NHK Presidential Award, e o Best Feature Documentary Award, no Guanajuato International Film Festival. A sua curta-metragem “About Ndugu” foi uma estreia mundial na 63ª Berlinale e Best Andalusian Short Film no Almeria International Film Festival. “Hide & Seek” foi uma estreia mundial na competição oficial do 65º Berlinale Shorts e um prémio do júri, Biznaga de Plata, no 18º Festival de Cine de Málaga.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 08 AGOSTO / 17H30 - 19H00

Com a presença da realizadora

O MUNDO DA NERMINA NERMINA'S WORLD

vittoria fiumi

Itália / 2014 / 54'

Nermina sobreviveu ao massacre de 1992 onde muitos membros da sua família foram assassinados. Ela está de regresso à sua aldeia natal com o filho e as filhas, onde trabalha no campo e cria vacas, a única forma para conseguir ganhar a vida. As duas filhas, Almedina e Melisa, são agora adolescentes e partilham os desejos e ambições da sua geração: Almedina gostaria de ir para o estrangeiro, Melisa quer ir para a Universidade. Ao observar as suas vidas, dia após dia, durante o período de um ano, tentei capturar a relação entre mãe e filhas durante um momento delicado, repleto de escolhas. Como pano de fundo, a aspreza da vida do campo numa aldeia que continua a ser afetada pelas consequências da guerra recente, uma aldeia que aparenta estar à espera de algo, e onde uma pergunta em particular parece ser recorrente, “fico ou vou-me embora?”

Realizador: **Vittoria Fiumi** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Vittoria Fiumi**

Som: **Jasmina Banjaluckic, Elisabeth Armand** Montagem: **Lorenzo Pazzi**

Produção: **Vittoria Fiumi, Flavia Oertwig**

vittoria fiumi

Vittoria Fiumi, realizadora, estudou antropologia visual na Universidade de Manchester (Reino Unido). Especializou-se na criação de filmes que exploram a relação entre natureza e cultura, com uma abordagem criativa e inovadora, combinando elementos experimentais com elementos de documentário e ficção. Produziu e realizou dois documentários curtos: “Peaceful Place” (Human Rights FF, Bologna, Los Angeles, Sarajevo 2006) e “All of a sudden it was dark” (IDFA doc for Sale 2009, Doc under 30). O seu último filme “Nermina’s World” foi selecionado para a competição Visions du Reel 2014, em Nyon. O filme entrou na lista dos finalistas para o prémio Solinas, um prémio para argumentistas, e foi premiado com o Corso Salani Prize (para melhor trabalho em andamento) no Trieste Film Festival. Produzido por Fiumi Film e Film Tama (Flavia Oertwig) é uma co-produção suíça, alemã e italiana, com o apoio da Cineteca di Bologna, Filme für Eine Welt e Film Commission Baden-Württemberg. Em 2014, Vittoria Fiumi foi selecionada pela Filmmaker Academy of the Locarno Film Festival como realizadora emergente. Foi premiada com a prestigiada bolsa Nipkow para seu novo projeto “3TimesMe”. Vive e trabalha entre a Suíça e a Itália.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 08 AGOSTO / 21H30

Com a presença do realizador

MEMÓRIAS DE UM FUTURO RADIOSO

SOUVENIRS D'UN FUTUR RADIEUX

José VIEIRA

França / 2014 / 90'

"Souvenirs d'un futur radieux" é a história cruzada de dois bairros de lata que foram construídos, com 40 anos de intervalo, no mesmo território, fora da cidade. Em Massy, nos arredores do sul de Paris, nós vivemos num bairro de lata numa época de crescimento, de pleno emprego e futuro promissor. Era a década de 60. Eles vivem num bairro de lata num clima de crise, desemprego e exclusão. Estamos no início de 2000. Eles vêm de uma área rural onde não há trabalho, onde não têm terras. A maior parte destes romenos têm histórias difíceis. Estão a fugir de um país onde são rejeitados. Nós tínhamos fugido de uma sociedade quase feudal, uma ditadura herdada da inquisição. O nosso bairro de lata foi preenchido por camponeses, dos mais analfabetos, que vieram de aldeias remotas ao longo dos séculos. Nós viemos de Portugal, eles vêm da Roménia.

Realizador: **José Vieira** Formato: **PAL** Imagem: **José Vieira** Som: **José Vieira**
Montagem: **José Vieira** Produção: **Zeugma films**

JOSÉ VIEIRA

José Vieira, realizador de origem portuguesa, vive e trabalha entre Portugal e França. Depois de 1985 realizou cerca de trinta documentários, nomeadamente para a France 2, France 3, La Cinquième e Arte. A sua obra, dedicada sobretudo à problemática da emigração, tem sido exibida nos mais diversos festivais internacionais de cinema. José Vieira tem dado visibilidade à história de um milhão de portugueses que saíram do país nos anos sessenta, a maioria clandestinamente - "a salto", como se dizia -, no que foi a maior migração humana na Europa do século XX. Nasceu em Oliveira de Frades e partiu para França em 1965, com sete anos de idade. A sua experiência pessoal como emigrante e as muitas histórias que foi ouvindo de outros emigrantes inspiram o seu trabalho mais recente como realizador. Partindo de histórias individuais, traça o retrato da emigração em França, recuperando toda uma memória coletiva. Os documentários de José Vieira são fundamentais para conhecermos a história dos milhares de portugueses que, durante o Estado Novo, procuraram uma vida melhor.





LAURETE E OS OUTROS LORETTE ET LES AUTRES

DOMINIQUE DANTE

França / 1973 / 40'

A portuguesa Laurete Fonseca, mãe de cinco filhos, mora num bidonville em Massy (Essonne), nos arredores de Paris. Ao ser confrontada com o processo de realojamento levado a cabo pelo Ministério do Interior Francês, Laurete opõe-se determinadamente a esta realidade, que a seu ver irá criar uma situação de maior isolamento social para si e para os seus filhos. Em Massy habitam mais de 100 emigrantes portugueses e árabes. Tal como em todos os outros bidonvilles uma das primeiras pressões exercidas sobre os emigrantes foi a dispersão dos seus habitantes, separando, assim, os amigos e os vizinhos sem lhes oferecer alternativas. Os imigrantes são ameaçados de lhes retirar a autorização de residência e de lhes destruir as barracas onde habitam, etc. Laurete ajuda, a partir de 1969, os seus compatriotas, frequentemente analfabetos, na obtenção dos vistos e das autorizações de residência junto do poder local (Mairie) e do comissariado da Polícia e pertence ao comité de defesa do bidonville (bairro de lata). Empenha-se numa luta contínua entre imigrantes e instituições. São exercidas pressões sobre Laurete durante muitos anos - ameaças de expulsão e dificuldades de prolongamento da autorização de residência. Apoiada pelo comité de defesa do bairro, Laurete resiste e acaba por ficar em França mas teve de ceder, de se tornar invisível, de se apagar.

Realizador: **Dominique Dante**

DOMINIQUE DANTE



AUDITÓRIO DE LAMAS DE MOURO

SESSÃO ESPECIAL

DIA 09 AGOSTO / 10H30

Conversa com **Carlos Fonseca**,
Sérgio Godinho e **José Vieira**.
Moderador **Álvaro Domingues**.





COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 09 AGOSTO / 16H30

Com a presença do realizador



9546 KM

SERGIO GARCÍA LOCATELLI

Perú / Espanha / 2013 / 4'

Passo a vida a perguntar-me se Madrid é a minha cidade. Vim para cá há mais de 7 anos, de um lugar que fica a 9546 kms de distância. À luz do dia sinto-me estrangeiro apesar de ninguém reparar, a não ser que eu fale.

Realizador: Sergio García Locatelli Formato: Imagem: Sergio García Locatelli, Marta Valdenebro Som: Montagem: Sergio García Locatelli Produção: Mauricio Franco, Christian Esquivel

SERGIO GARCÍA LOCATELLI

Formado pela Universidade de Lima, no Perú, com uma licenciatura em Comunicação. Recebeu um diploma do Instituto del Cine de Madrid em realização e escrita de argumento para documentário. Completou o mestrado em escrita de argumento cinematográfico da Escuela de Escritores de Madrid.





COMPETIÇÃO | MELHOR CURTA OU MÉDIA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 09 AGOSTO / 16H34

Com a presença do realizador



XENOS

MAHDI fleifel

Reino Unido / Grécia / Dinamarca / 2013 / 12'

Em 2010, Abu Eyad e outros jovens Palestínianos do campo de refugiados Ain el-Helweh no Líbano, viajaram com contrabandistas pela Síria e Turquia até à Grécia. Como tantos outros migrantes, vieram à procura de uma porta para a Europa, mas acabaram encurralados num país em colapso económico, político e social.

Realizador: Mahdi Fleifel Formato: HD 16:9 Imagem: Mahdi Fleifel Som: Gunnar Oskarsson Montagem: Michael Aaglund Produção: Patrick Campbell

MAHDI fleifel

Mahdi Fleifel é um cineasta e artista visual palestíniano a viver em Londres. Nasceu no Dubai, cresceu no campo de refugiados de Ain El-Helweh, no Líbano, e mais tarde nos subúrbios de Elsinore, Dinamarca. Formou-se na British National Film and Television School, em 2009. O seu recente documentário “A World Not Ours” está atualmente em exibição em festivais e recebeu vários prémios.

O seu próximo filme, “Men In The Sun” baseia-se nos temas e personagens que encontrou ao fazer “Xenos” e está a ser desenvolvido, actualmente, como parte do New Danish Screen scheme.





COMPETIÇÃO | MELHOR LONGA-METRAGEM INTERNACIONAL

CASA DA CULTURA

DIA 09 AGOSTO / 16H46

Com a presença do realizador



GO FORTH

soufiane adel

França / 2014 / 62'

Através do retrato de uma mulher de 79 anos, a minha avó Taklit Adel, nascida na Argélia e residente em França durante 60 anos, podemos descobrir narrativas históricas e pessoais enquanto exploramos os subúrbios de Paris e os seus cenários. Uma história pessoal retirada da história coletiva.

Realizador: **Soufiane Adel** Formato: **HD 16:9** Imagem: **Soufiane Adel and Angela Terrail** Som: **Claire Anne Largeron** Montagem: **Jérémy Gravayat** Produção: **Aurora Films**

soufiane adel

Soufiane Adel nasceu em 1981 na Argélia e chegou a França com 8 anos de idade. Descobre o cinema ao estudar desenho industrial na escola ENSCI. Tem o seu primeiro encontro com o neo-realismo italiano e o cinema experimental com 20 anos, e assim começa a sua cinefilia. Em 2004 decide filmar o seu pai e pede-lhe para realizar uma cena que já experimentaram juntos. Esta será a sua primeira curta-metragem: "Nuits Closes". "La Cassette", e então "Kamel s'est suicidé six fois, son père est mort" seguiram-se mais tarde. Desde 2009, ele co-realiza os seus filmes com Angela Terrail, com quem trabalha desde "La cassette". Eles realizaram "Sur la tête de Bertha Boxcar" e estão actualmente a preparar uma longa-metragem, uma adaptação contemporânea de "Martin Eden", de Jack London.



award
**PRÉMIO
JEAN LOUP
PASSEK**

09 AGOSTO
DOMINGO

O **Prémio Jean Loup Passek** tem o nome do historiador e crítico de cinema francês que doou grande parte do seu espólio ao município de Melgaço: fotografias, cartazes, livros, documentos, câmaras e outros aparelhos históricos e que esteve na origem do Museu de Cinema de Melgaço.

FILMES DO HOMEM selecionou para esta edição documentários sobre o tema geral migrações. Os filmes manifestam o ponto de vista do autor sobre aspetos relacionados com questões sociais, individuais, culturais ou de identidade, provocadas pela troca de país, de região ou de domicílio.

Aos vencedores será atribuído um **troféu** e um **prémio pecuniário**.

18H30 CASA DA CULTURA
ENTREGA DO PRÉMIO Jean Loup Passek

JÚRI OFICIAL



JORGE Campos

Presidente do Júri

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Santiago de Compostela, Jorge Campos é cineasta, jornalista, programador cultural e Professor Adjunto do Instituto Politécnico do Porto. Responsável pela área científica de Estudos Visuais do Departamento de Artes da Imagem (DAI), lecciona unidades curriculares de Cinema e é responsável pela especialização em Cinema Documental do Mestrado em Comunicação Audiovisual da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE). É o programador do ciclo de Fotografia e Cinema Documental Imagens do Real Imaginado (IRI) da ESMAE. Foi o responsável pela área de Cinema, Audiovisual e Multimédia do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura.



catarina alves costa

Nasceu no Porto. Estudou Antropologia Social, fez o Mestrado em Antropologia Visual no Granada Centre for Visual Anthropology da Universidade de Manchester e o Doutoramento na Universidade Nova de Lisboa com a tese Camponeses do Cinema. Representações da Cultura Popular no Cinema Português 1960-1970. Entre 1994 e 2000 trabalhou no Museu Nacional de Etnologia. Desde 1997 é Professora no Departamento de Antropologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona nas áreas da Antropologia Visual e Filme Etnográfico. É investigadora integrada do CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Realizou, entre outros filmes, Senhora Aparecida (1994), Swagatam (1998) Mais Alma (2000), O Arquitecto e a Cidade Velha (2004), Nacional 206 (2009) Falamos de António Campos (2010). Recebeu entre outros, o 1º Prémio do festival VII Rassegna Internazionale di Documentari Etnografici, (1996), o Prémio de Excelência da Society for Visual Anthropology American Anthropological Association Film Festival, EUA(1996), Prémio Planète no Bilan du Film Ethnographique (1999), Prémio da Crítica nos Caminhos do Cinema Português (2009). É Professora Auxiliar da Universidade Nova de Lisboa e Coordenadora do Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais. Coordena o NAVA (Núcleo de Antropologia Visual e da Arte), Linha temática do Centro em Rede em Antropologia / CRIA. Ensina também nos mestrados e doutoramentos da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Barcelona.



Jean-Loïc Portron

Em 1981 participou na criação dos Ateliers Varan. De 1985 a 1988, no âmbito dos Ateliers e com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, formou jovens realizadores sul-africanos em cinema documentário, na Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo.

Em 1988, com André Van In, orientou esses cineastas na realização de um filme coletivo: *Chroniques sud-africaines* (110 min., JBA production, ZDF, Arte).

A partir de 1991, colaborou, principalmente com o canal ARTE para o qual realizou uma série de documentários:

1991-2000: *Paysages* (20 X 26 min. JBA Production, INA, Arte)

2000-2010: *Les Foyers de création* (7 X 52 min. 13 Production, Arte)

2005-2010: *Les Arts du mythe* (5 X 26 min. Program33, Arte)

Realizou dois documentários de longa-metragem:

2011: *L'Energumène* (77 min. JBA Production, Arte)

2013: *Braddock America* (103 min. Program33, avec Gabriella Kessler) Festival de Cannes 2013, Festivals de Thessalonique, Three-Rivers (Pittsburgh), La Rochelle, Cleveland, Alger, etc.

Prepara, desde 2014, um ateliê de realização em Joanesburgo (África do Sul) produzido por JBA Production e Arte. Em 2015, o ateliê realizará o documentário *Born Free*.



José Manuel Sande

José Manuel Sande é programador, guionista, historiador e crítico cinematográfico. É programador das actividades do Centro Galego de Artes da Imaxe (CGAI)-Fimoteca de Galicia e membro da Asociación Española de Historiadores do Cine (AEHC).

Escreve em diferentes publicações especializadas como *Caimán*. *Cuadernos de Cine*, participa em programas de rádio (SER) e é um dos fundadores da TV pro Internet *GalizaAnoCero*, assim como da revista *Luzes*. Foi um dos criadores do blogue *Acto de Primavera*, e colabora em várias publicações e livros coletivos.

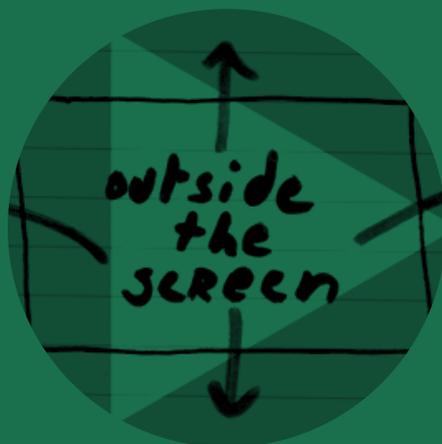
Guionista e produtor associado do filme de Eloy Enciso *Arraianos* (2012), foi professor convidado na *Universitat Pompeu Fabra*.

Trabalha em dois projetos de investigação sobre o cinema do pós-guerra espanhola. Tem sido membro do júri de festivais como *Las Palmas*, *Miradas –Doc*, *Gijón* ou *Play-Doc* (Tui) e *Filminho*.



Tiago Hespánha

Licenciou-se em arquitectura em 2004. É realizador e sócio da produtora de cinema *TERRATREME FILMES*. É professor no programa internacional de mestrado em documentário *DOC-NOMADS*, desde 2012. É membro dos *ATELIERS VARAN*, desde 2014. Em 2012 completou o *Master en Documental de Creación* da *Universidade Pompeu Fabra*, em Barcelona, Espanha. Realizou os filmes: *Revolução Industrial*, co-realizado com Frederico Lobo (2014 - Estreia Mundial no *Visions du Réel*, Nyon, Suíça), *Visita Guiada* (2009 - Prémio do Público no Festival Internacional de Cinema Indielisboa, editado em dvd pela *TERRATREME*), *O Presente que Veio de Longe* (2008 – Integra a Colecção “Tão Perto, Tão Longe” editada em dvd pela Fundação Calouste Gulbenkian), *Despolido I* e *Despolido II* (2007 – Prémio do Festival de Microfilmes de Lisboa), *Andar Modelo* (2007), *Quinta da Curraleira* (2006 – Prémio Primeiro Olhar, *Encontros de Cinema de Viana do Castelo*).



FORA DE CAMPO

Fora de Campo é a designação do Curso de Verão que vai ocorrer no âmbito de **FILMES DO HOMEM – Melgaço International Documentary Film Festival**. Será um encontro de reflexão e debate multidisciplinar – Ciências Sociais, Artes e Ciências da Comunicação, em torno do tema Cinema e Migrações, e resulta da parceria da Câmara Municipal de Melgaço com a AO NORTE - Associação de Produção e Animação Audiovisual em colaboração com Universidades e Grupos de Investigação/Pesquisa de Portugal, Galiza, Brasil e México.

São objetivos do curso a aproximação das abordagens artísticas, tecnológicas e das ciências sociais e humanas do cinema; a colaboração das Redes e Grupos de Investigação/Pesquisa participantes no Festival; o envolvimento da população e comunidade local nas atividades culturais e artísticas realizadas no Curso de Verão e no Festival; contribuir para a afirmação da cultura e desenvolvimento local.

O curso terá uma componente teórica – conferências e seminários, uma componente teórico-prática workshops, uma componente prática – trabalho de campo e visionamento de filmes integrada no FILMES DO HOMEM e um projeto e produto final apresentado pelos participantes que pretendam uma certificação.

Área Científica - Ciências Sociais, Artes e Ciências da Comunicação. **Coordenador Geral** - José da Silva Ribeiro.

CURSO DE VERÃO

DATA: 5 a 9 de Agosto de 2015)

LOCAL: Casa da Cultura de Melgaço

DESTINATÁRIOS

Interessados locais pelas temáticas do cinema e das migrações;
Professores e animadores culturais;
Migrantes;
Documentaristas;
Estudantes e investigadores.

HORÁRIO

Os participantes podem assistir a todas as sessões do Curso de Verão ou escolher apenas aquelas em que estiverem interessados.

As sessões incluem atividades teóricas, práticas e a participação nas sessões de cinema e atividades do Festival. Os interessados em que o Curso seja creditado devem participar em todas as atividades do Festival.

05 AGOSTO

QUARTA-FEIRA

09H00 RECEÇÃO aos participantes

10H00 A IMAGEM DOCUMENTAL SEMINÁRIO

Margarita Ledo Andión, Universidade de Santiago de Compostela.

14H00 MIGRAÇÕES NA EUROPA, AFRICA E AMÉRICAS

MESA REDONDA

Maria Beatriz Rocha-Trindade, CEMRI - Universidade Aberta;
Zilda Márcia Iokoi, DIVERSITAS, Universidade de São Paulo;
Albertino Gonçalves, CECS – Universidade do Minho;
Mariano Báez Landa, CIESAS - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social.

06 AGOSTO

QUINTA-FEIRA

10H00 CINEMA E MIGRAÇÕES SEMINÁRIO

Manolo Gonzalez, investigador e professor de História no IES “Concepción Arenal” de Ferrol;
José Vieira, cineasta documentarista;
José da Silva Ribeiro, CEMRI – Universidade Aberta.

14H00 METODOLOGIAS AUDIOVISUAIS DE PESQUISA E WEB-DOCUMENTÁRIO WORKSHOP

Sérgio Bairon, DIVERSITAS, Universidade de São Paulo;
Mariano Báez Landa, CIESAS - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social;
José da Silva Ribeiro, CEMRI – Universidade Aberta;
Maria Yáñez Anllo, Digital media maker & researcher.

07 AGOSTO

SEXTA-FEIRA

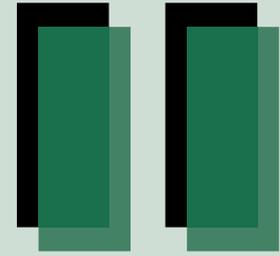
10H00 DESAFIOS DA TRANSCRIÇÃO/EDIÇÃO A ENTREVISTAS USADAS EM DOCUMENTÁRIO SEMINÁRIO

José Carlos Sebe Bom Meihy, DIVERSITAS, Universidade de São Paulo.

14H00 METODOLOGIAS AUDIOVISUAIS DE PESQUISA E WEB-DOCUMENTÁRIO WORKSHOP

Manuela Penafria, Universidade da Beira Interior;
Sérgio Bairon, DIVERSITAS, Universidade de São Paulo;
José da Silva Ribeiro, CEMRI – Universidade Aberta;
Maria Yáñez Anllo, digital media maker & researcher.

Nota: O curso de verão **Fora de Campo** inclui também a projeção dos filmes e todas as atividades do festival.



Plano Frontal_ Residência Cinematográfica e Residência Fotográfica vai ocorrer em Melgaço, de **31 de julho a 08 de agosto de 2015**, no âmbito de FILMES DO HOMEM Festival Internacional de Documentário de Melgaço. O objetivo desta residência fotográfica é contribuir para um arquivo sobre Melgaço, dotar o Espaço Memória e Fronteira de obras que abordem a região, promover a fotografia e o aparecimento de novos fotógrafos.

Três jovens fotógrafos realizarão, durante uma semana, um projeto sobre temas locais que lhes serão propostos.

Plano Frontal tem como destinatários os alunos em final de curso que frequentem Escolas do Ensino Superior de Fotografia, ou que tenham concluído recentemente a sua formação. Os participantes serão selecionados através da análise de candidaturas, e serão orientados por Pedro Sena Nunes, com larga experiência profissional e pedagógica. Todo o trabalho será enquadrado e apoiado por uma equipa de produção e uma equipa técnica formada por Carlos Eduardo Viana, Rui Ramos, Mário Gomes e Miguel Arieira.

Dirige-se a todos os que procuram viver uma experiência única, cujo objetivo é realizar um projeto fotográfico e participar nas atividades do festival.

A organização garantirá alojamento e alimentação, de 31 de Julho a 08 de Agosto, aos três candidatos selecionados, e providenciará apoio logístico para se deslocarem aos locais a fotografar.

A participação é gratuita.

EQUIPA PLANO FRONTAL RESIDÊNCIA FOTOGRÁFICA



carLOS edUARDO vIANA

Carlos Eduardo Viana fez Estudos Superiores em Cinema e Vídeo na Escola Superior Artística do Porto e possui uma licenciatura em ensino. É docente do grupo 200. Coordenou a Oficina de Cinema e Audiovisuais do Centro Cultural do Alto Minho (1981 a 1994) e foi sócio fundador, em 1994, da AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, ONGD de que é dirigente. Bolseiro do governo francês, frequentou nos Ateliers VARAN, em Paris, dois estágios de cinema direto (iniciação e especialização). Coordena as atividades pedagógicas desenvolvidas pela AO NORTE na área do cinema e dos audiovisuais, os Encontros de Cinema de Viana e o portal na Internet Lugar do Real. Realizou vários documentários em Portugal, Angola e Cabo Verde.



PEDRO SENA NUNES

Estudou cinema e frequentou cursos de escrita, fotografia, vídeo e teatro em diferentes escolas europeias. Co-fundou a Companhia Teatro Meridional. Realiza filmes - documentários, ficções, publicidade e experimentais. É consultor e coordenador de diversos projectos culturais. Co-dirige os Festivais InArte, InShadow e Dança&Design. Colabora nos projectos europeus Fragile, Unlimited e European Video Dance Heritage e nos Encontros de Cinema de Viana. Lecciona nas áreas de realização cinematográfica e narrativas transdisciplinares na ETIC, ESMAE, IPA, SOU e EscreverEscrever. Desde 1994 que se dedica à área pedagógica. Júri em vários festivais. Conta com vários prémios nas áreas da fotografia, vídeo e cinema.



RUI RAMOS

Nasceu em Paris em 1971. Tem formação superior em direito, marketing e promoção turística. É sócio fundador e Director Executivo da AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, onde assume a produção executiva de documentários e a responsabilidade pela produção dos documentários produzidos no âmbito do curso de documentarismo Olhar o Real. É o produtor executivo dos Encontros de Viana – Cinema e Vídeo (2001-2014). Foi diretor artístico e programador do Festafife – Festival Internacional de Teatro de Marionetas e Cinema de Animação (2007-2011) para a área do cinema de animação. É coordenador e fundador da Minho Film Commission. Trabalha como consultor na área do turismo e é empresário.



MÁRIO GOMES

Mário Gomes (1982) concluiu os estudos em Ciências da Comunicação em 2004, tendo antes pertencido a várias associações culturais e estudantis. Desde então, tem desenvolvido projetos nas áreas do teatro, dança, música e cinema. Em 2007 parte para Madrid, onde trabalha no projeto solidário SCREAM (Supporting Childrens Rights through Education, Arts and Media), desenvolvido pela Organização Internacional do Trabalho. No cinema, Mário Gomes já trabalhou com vários realizadores, destacando-se no seu currículo filmes com: Rodrigo Areias, Manoel de Oliveira, Victor Erice, Peter Greenaway, Edgar Pêra, Joonas Berghall, João Canijo, Gabe Klingler, entre outros.



MIGUEL ARIEIRA

Nascido em 1987, é licenciado (2010) em Tecnologia da Comunicação Audiovisual (área vídeo), pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto. Com formação musical anterior (Academia de Música de Viana do Castelo) e, por isso, uma proximidade especial com a área do som, desenvolve, ao longo da licenciatura, interesse específico pela documentação, recolha e mistura sonora, especializando-se na captação e pós-produção áudio. Além do registo e desenho sonoro, com enfoque na pesquisa técnica sobre noções de espacialização stereo e 5.1, o seu trabalho complementa, no entanto, também outras vertentes – realização, operação câmara e fotografia -, tendo já participado em vários projetos para cinema e televisão (ficção, documentário e publicidade). Atualmente trabalha com a AO NORTE. Associação de Produção e Animação Audiovisual, onde é responsável pela captação e pós-produção áudio, estando também diretamente envolvido no trabalho de registo documental realizado pela associação.

DÊ UM SALTO A MELGAÇO



Nos anos sessenta milhares de portugueses emigraram para França "a salto", assim se chamava a viagem clandestina dos que procuravam um novo destino.

Propomos, não uma viagem acidentada como a dessa época, mas que dê um salto a Melgaço nos dias 8 e 9 de agosto e partilhe connosco a programação que preparamos e faz parte de Filmes do Homem.

08 AGOSTO

SÁBADO

09H30 - 10H00 CASA DA CULTURA

Receção aos participantes.

10H00 CASA DA CULTURA

Visita à exposição de fotografia

NÓS, POR CÁ E POR LÁ

Visita acompanhada por emigrantes.

10H45 CASA DA CULTURA

INTERNAT

MAURILIO MANGANO (Itália, 2014, 71')

Com a presença do realizador.

12H30 - 14H00 ALMOÇO

14H30

Visita ao **ESPAÇO MEMÓRIA E FRONTEIRA**, com Albertino Gonçalves.

16H00

Visita ao **CENTRO HISTÓRICO DE MELGAÇO** e ao **SOLAR DO ALVARINHO**.

17H30 CASA DA CULTURA

EL JUEGO DEL ESCONDITE (HIDE AND SEEK)

DAVID MUÑOZ (Espanha, 2015, 23')

Com a presença do realizador.

NERMINA'S WORLD

VITTORIA FIUMI (Itália, 2014, 54')

Conversa com a realizadora.

20H00 JANTAR

21H30 CASA DA CULTURA SOUVENIRS D'UN FUTUR RADIEUX

JOSÉ VIEIRA (França, 2014, 90')
Com a presença do realizador.

09 AGOSTO

DOMINGO

10H30 AUDITÓRIO DE LAMAS DE MOURO SESSÃO ESPECIAL

LORETTE ET LES AUTRES

DOMINIQUE DANTE (França, 40', 1973)
Conversa com **Carlos da Fonseca, Sérgio Godinho**
e **José Vieira**, Moderador **Álvaro Domingues**.

13H00

Almoço em Castro Laboreiro
e visita ao **NÚCLEO MUSEOLÓGICO**.

16H30 CASA DA CULTURA

9546 Km

SERGIO LOCATELLI (Perú / Espanha, 2013, 4')
Com a presença do realizador.

XENOS

MAHDI FLEIFEL (Reino Unido, Grécia, Dinamarca, 2013, 12')
Com a presença do realizador.

GO FORTH

SOUFIANE ADEL (França, 62', 2014)
Com a presença do realizador.

18H30 CASA DA CULTURA ENTREGA DO PRÉMIO Jean Loup Passek

19H30 JANTAR

21H00 MUSEU DE CINEMA JEAN LOUP PASSEK Inauguração da Exposição MANOEL DE OLIVEIRA

22H00 TORRE DE MENAGEM DE MELGAÇO

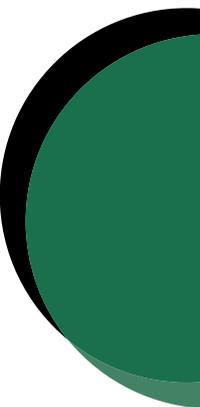
SESSÃO ESPECIAL

CINEMA NA TORRE/ Sessão ao ar livre

O SALTO

CHRISTIAN DE CHALONGE (França, 1973, 88')
Apresentado por Henrique Espírito Santo.

Nota: As deslocações entre os diferentes lugares serão asseguradas em autocarro.



PARTICIPANTES

FILMES 2015 HOMEM



alBERTINO GONÇALVES

Albertino Gonçalves é licenciado em Sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne (1981) e doutorado em Sociologia pela Universidade do Minho (1994), onde fez a agregação no grupo disciplinar de Sociologia (2005). Tem leccionado, desde 1982, disciplinas da área da metodologia das ciências sociais e da sociologia da cultura, dos estilos de vida e da arte. É coordenador dos cursos de pós-graduação do Instituto de Ciências Sociais, membro da comissão instaladora da Casa Museu de Monção e investigador do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade.



alexANDRE MARTINS

Alexandre Martins é formado em cinema, ramo de escrita de argumento, pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Presentemente trabalha como ator e como formador na área do audiovisual.



álVARO DOMINGUES

Álvaro Domingues é geógrafo, doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1994. Desde 1999 é docente do mestrado integrado e do curso de doutoramento. É também membro do Conselho Científico. É investigador do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP e a sua atividade centra-se na Geografia Humana, Paisagem, Urbanismo e Políticas Urbanas, quer em termos de investigação, quer em termos de assessoria externa e formação.



carLOS da fONSECA

Carlos da Fonseca nasceu em Lagos, em 1936, onde estudou na escola técnica. Foi para França no início dos anos sessenta, trabalhando na construção civil e em fábricas. Em 1964 parte com a família para a Argélia à procura de melhores condições de vida e de trabalho. Regressado a França, em 1968, é acolhido por uma organização de refugiados, a CIMADE, em Massy. Em 1975 começou a trabalhar no Serviço da Emigração. Trabalhou com os emigrantes portugueses apoiando-os na obtenção de documentos, no reagrupamento familiar, auxiliando-os nos contactos com a administração francesa, esclarecendo-os sobre a legislação em vigor e orientando cursos de alfabetização. Acompanhou de perto a luta da sua mulher, Laurete da Fonseca, que liderou um protesto contra um processo de realojamento de emigrantes do “bidonville” de Massy, que lhe valeu uma ordem de expulsão do Ministério do Interior francês. Em 2006 reformou-se do trabalho que exercia no Serviço Social e Cultural da Embaixada Portuguesa em Paris.



catARINA ALVES COSTA

Nasceu no Porto. Estudou Antropologia Social, fez o Mestrado em Antropologia Visual no Granada Centre for Visual Anthropology da Universidade de Manchester e o Doutoramento na Universidade Nova de Lisboa com a tese Camponeses do Cinema. Representações da Cultura Popular no Cinema Português 1960-1970. Entre 1994 e 2000 trabalhou no Museu Nacional de Etnologia. Desde 1997 é Professora no Departamento de Antropologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona nas áreas da Antropologia Visual e Filme Etnográfico. É investigadora integrada do CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Realizou, entre outros filmes, Senhora Aparecida (1994), Swagatam (1998) Mais Alma (2000), O Arquitecto e a Cidade Velha (2004), Nacional 206 (2009) Falamos de António Campos (2010). Recebeu entre outros, o 1º Prémio do festival VII Rassegna Internazionale di Documentari Etnografici, (1996), o Prémio de Excelência da Society for Visual Anthropology American Anthropological Association Film Festival, EUA(1996), Prémio Planète no Bilan du Film Ethnographique (1999), Prémio da Crítica nos Caminhos do Cinema Português (2009). É Professora Auxiliar da Universidade Nova de Lisboa e Coordenadora do Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais. Coordena o NAVA (Núcleo de Antropologia Visual e da Arte), Linha temática do Centro em Rede em Antropologia / CRIA. Ensina também nos mestrados e doutoramentos da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Barcelona.



CRISTINA FERREIRA GOMES

Trabalhou como jornalista e guionista. Atualmente, é realizadora e produtora. Realizou os documentários: Max, o Menino do Assobio, 2015, Laurinha, 2012, Domingo à Tarde, 2012, Menina Limpa Menina Suja, 2011, Carta de Chamada, 2005, Mulheres ao Mar, 2002.



DAVID MUÑOZ

David Muñoz escreve, realiza e produz filmes documentários e de ficção. Vencedor do Goya Award to Best Short Documentary com o "Flowers of Rwanda". O seu filme "The Infinite Jest" recebeu o prémio Jury Award for Best Short Documentary no Aljazeera Documentary Film Festival. O seu filme "Another Night on Earth" ganhou o prémio dos críticos de cinema FIPRESCI, no DOK Leipzig, o prémio NHK Presidential Award, e o Best Feature Documentary Award, no Guanajuato International Film Festival. A sua curta-metragem "About Ndugu" foi uma estreia mundial na 63ª Berlimale e Best Andalusian Short Film no Almeria International Film Festival. "Hide & Seek" foi uma estreia mundial na competição oficial do 65º Berlimale Shorts e um prémio do júri, Biznaga de Plata, no 18º Festival de Cine de Málaga.



GRAÇA GOMES

Trabalha desde 1988 em cinema de animação nas áreas de publicidade e curtas-metragens de animação, colaborando com diversos estúdios e produtoras (Opticalprint, Pixel e Tintas, Animais, Ao Romper da Bela Aurora, Cão Amarelo, Animanostra, Alfândega Filmes e Filmógrafo). Realizou vários filmes didáticos de animação para as séries televisivas Rua Sésamo e Jardim da Celeste. Entre 1993\2001 frequentou um estágio profissional de formação Franco-Português em desenho e volume animado e vários «Cartoon Masters» organizados pela associação europeia de Animação. Concluiu, em 2012, a realização da série de cinema de animação "Brincarolas", projeto da sua autoria, financiado pelo ICA, e colabora com o CCV, como formadora e realizadora das atividades de cinema de animação do projeto CINEMA PARA AS ESCOLAS.



HENRIQUE ESPÍRITO SANTO

Henrique Espírito Santo nasceu em Queluz a 18 de Novembro de 1931. Conta no currículo com cerca de 70 filmes produzidos. A sua influência no cinema português é marcante, nomeadamente no período em que se deu a vaga do cinema novo português, que viria a ser o período do aparecimento de vários realizadores com quem trabalhou. Tem desenvolvido atividade docente na área da Produção Cinematográfica em diversas instituições em Portugal, em Angola e Moçambique. Como produtor tem um currículo vastíssimo do qual se destacam os seguintes filmes: "O Recado" e "5 dias e 5 noites" de José Fonseca e Costa; "A Promessa" de António Macedo; "Meus Amigos" de António da Cunha Telles; "Benilde ou a Virgem-Mãe" e "Amor de Perdição", de Manoel de Oliveira; "Veredas" de João César Monteiro; "A Fuga" e "Cerro maior" de Luís Filipe Rocha; "O Bobo" de José Álvaro Morais; "Passagem ou a Meio Caminho" de Jorge Silva Melo, "Das Autogramm" de Peter Lilienthal; "Buster's Bedroom" de Rebeca Horn; "Hors Saison" de Daniel Schmid; "Até Amanhã, Mário" e "Comédia Infantil" de Solveig Nordlund; "Olhos da Ásia" de João Mário Grilo; "O Clandestino" de José Laplaine; "Golpe de Asa" de António Borges Correia; "E assim nasceu a Ilha de Timor" de José Barahona.



JEAN-LOÏC PORTRON

Em 1981 participou na criação dos Ateliers Varan. De 1985 a 1988, no âmbito dos Ateliers e com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, formou jovens realizadores sul-africanos em cinema documental, na Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo. Em 1988, com André Van In, orientou esses cineastas na realização de um filme coletivo: Chroniques sud-africaines (110 min., JBA production, ZDF, Arte). A partir de 1991, colaborou, principalmente com o canal ARTE para o qual realizou uma série de documentários: 1991-2000: Paysages (20 X 26 min. JBA Production, INA, Arte) 2000-2010: Les Foyers de création (7 X 52 min. 13 Production, Arte) 2005-2010: Les Arts du mythe (5 X 26 min. Program33, Arte) Realizou dois documentários de longa-metragem: 2011: L'Energumène (77 min. JBA Production, Arte) 2013: Braddock America (103 min. Program33, avec Gabriella Kessler) Festival de Cannes 2013, Festivals de Thessalonique, Three-Rivers (Pittsburgh), La Rochelle, Cleveland, Alger, etc. Prepara, desde 2014, um ateliê de realização em Joanesburgo (África do Sul) produzido por JBA Production e Arte. Em 2015, o ateliê realizará o documentário Born Free.



JORGE CAMPOS

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Santiago de Compostela, Jorge Campos é cineasta, jornalista, programador cultural e Professor Adjunto do Instituto Politécnico do Porto. Responsável pela área científica de Estudos Visuais do Departamento de Artes da Imagem (DAI), lecciona unidades curriculares de Cinema e é responsável pela especialização em Cinema Documental do Mestrado em Comunicação Audiovisual da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE). É o programador do ciclo de Fotografia e Cinema Documental Imagens do Real Imaginado (IRI) da ESMAE. Foi o responsável pela área de Cinema, Audiovisual e Multimédia do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura.



JOSE CARLOS SEBE BOM MEIHU

Possui graduação em História pela Universidade de Taubaté, SP (1969) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, USP (1975) Professor titular aposentado do Departamento de História, coordenador do NEHO/USP (Núcleo de Estudos em História Oral), vinculado ao DIVERSITAS/USP Atualmente é professor do Programa de Pós-graduação da UNIGRANRIO, em Duque de Caxias, RJ e desenvolve pesquisas sobre "Manifestações oníricas de migrantes para a Baixada Fluminense". Tem experiência na área de História, com ênfase em história oral, atuando principalmente nos seguintes temas: deslocamentos populacionais de grupos vulneráveis, prostituição internacional, história de vida de pessoas em situação de risco, e negociação de identidades. Com publicações sobre história oral, além de abordagens temáticas, dedica-se a reflexões teóricas e possui livros sobre o assunto. Atua como consultor de novelas para a televisão na perspectiva da História Pública.



JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

Doutor em Ciências Sociais - Antropologia. Estudos Superiores em Cinema e Vídeo na Escola Superior Artística do Porto. Professor de Antropologia, Antropologia Visual, Media e mediações culturais na Universidade Aberta. Investigador do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade

Aberta onde é Responsável pelo Grupo de Investigação Media e Mediações Culturais. Realizou trabalho de campo em Cabo Verde e nas periferias urbanas de Lisboa e Porto, no Brasil, em Cuba e na Argentina. Coorganizador da Conferência Internacional de Cinema de Viana do Castelo, do Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. Coordenador da rede Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. Colaborador do DIVERSITAS – USP. Professor visitante em Universidades Europeias e da América Latina.



JOSÉ MANUEL SANDE

José Manuel Sande é programador, guionista, historiador e crítico cinematográfico. É programador das atividades do Centro Galego de Artes da Imaxe (CGAI)-Filmoteca de Galicia e membro da Asociación Española de Historiadores do Cine (AEHC).

Escreve em diferentes publicações especializadas como Caimán. Cuadernos de Cine, participa em programas de rádio (SER) e é um dos fundadores da TV pro Internet GalizaAnoCero, assim como da revista Luzes. Foi um dos criadores do blogue Acto de Primavera, e colabora em várias publicações e livros coletivos.

Guionista e produtor associado do filme de Eloy Enciso Arraianos (2012), foi professor convidado na Universitat Pompeu Fabra.

Trabalha em dois projetos de investigação sobre o cinema do pós-guerra espanhola. Tem sido membro do júri de festivais como Las Palmas, Miradas –Doc, Gijón ou Play-Doc (Tui) e Filminho.



JOSÉ VIEIRA

José Vieira, realizador de origem portuguesa, vive e trabalha entre Portugal e França. Depois de 1985 realizou cerca de trinta documentários, nomeadamente para a France 2, France 3, La Cinquième e Arte. A sua obra, dedicada sobretudo à problemática da emigração, tem sido exibida nos mais diversos festivais internacionais

de cinema. José Vieira tem dado visibilidade à história de um milhão de portugueses que saíram do país nos anos sessenta, a maioria clandestinamente - "a salto", como se dizia -, no que foi a maior migração humana na Europa do século XX. Nasceu em Oliveira de Frades e partiu para França em 1965, com sete anos de idade. A sua experiência pessoal como emigrante e as muitas histórias que foi ouvindo de outros emigrantes inspiram o seu trabalho mais recente como realizador. Partindo de histórias individuais, traça o retrato da emigração em França, recuperando toda uma memória coletiva. Os documentários de José Vieira são fundamentais para conhecermos a história dos milhares de portugueses que, durante o Estado Novo, procuraram uma vida melhor.



LEONOR AREAL

Leonor Areal nasceu em Lisboa em 1961 e aos 8 anos teve um prémio literário com o qual comprou uma bicicleta e a primeira máquina fotográfica. Depois de um curso de literatura, dedicou-se ao vídeo. Com Há Drama na Escola (1993) ganhou uma bolsa de estudo na New York Film Academy. Geração Feliz (2000) passou

no canal por cabo Odisseia. Ilusíada – A minha vida dava um filme (2002) foi exibido em três episódios na RTP. Fora da Lei obteve uma menção especial no festival DocLisboa 2006, uma nomeação para o prémio Novos Olhares no festival LGBT de Torino 2008, e foi publicado em DVD pela editora Midas (2009).



MAHDI FLEIFEL

Mahdi Fleifel é um cineasta e artista visual palestino a viver em Londres. Nasceu no Dubai, cresceu no campo de refugiados de Ain El-Helweh, no Líbano, e mais tarde nos subúrbios de Elsinore, Dinamarca. Formou-se na British National Film and Television School, em 2009. O seu recente documentário "A World Not Ours" está atualmente em exibição em festivais e recebeu vários prémios.

O seu próximo filme, "Men In The Sun" baseia-se nos temas e personagens que encontrou ao fazer "Xenos" e está a ser desenvolvido, actualmente, como parte do New Danish Screen scheme.



MANOLO GONZÁLEZ ÁLVAREZ

Licenciado em Sociologia (Universidade Complutense, Madrid 1977). Foi diretor de I.F.P. Allariz (1979-83), onde realiza as primeiras experiências de vídeo na escola na Galicia.

Trabalhou nas áreas de realização e produção em programas da TVG nos anos oitenta. Participou na investigação e catalogação da memória audiovisual da emigração galega. Entre outros publicou o livro: Documentos para la Historia do cine en Galicia (1970-1990.). Criador e diretor da Escola de Imaxe e Son de A Coruña (1990-1998). Professor no Máster de Produção e Gestão audiovisual da Universidade da Coruña (1998-2015). Participou em numerosos eventos, festivais e mostras audiovisuais, assim como em conferências e colóquios nacionais e internacionais sobre as relações entre cinema e educação. Prémio de honra Fernando Rey nos prémios Agapi 1999, pela sua "contribución so desenvolvemento da industria audiovisual galega" e Fernando Rey da Academia Galega do Audiovisual (2014). Foi professor associado na Faculdade de Comunicación Audiovisual da Universidade de Vigo (2005-2007) e dirigiu a Axencia Audiovisual Galega da Consellería de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia (2005-2009).

Na atualidade leciona aulas de História no IES "Concepción Arenal" de Ferrol. Gere o canal de vídeos de História de España Cliphistoria, e colabora como assessor e criador de conteúdos no projeto web colaborativo "Fálame de San Sadurniño"



manuela penafria

Doutorada pela Universidade da Beira Interior é professora na Universidade da Beira Interior/Dept. de Comunicação e Artes, curso de Licenciatura em Cinema e investigadora do Labcom (www.labcom.ubi.pt). Sócia fundadora do Grupo de Trabalho em Estudos Fílmicos da SOPCOM-Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Das suas publicações, destaca-se o livro on-line: O paradigma do documentário: António Campos, cineasta, editado pelos LivrosLabcom, 2009. É coeditora da Revista DOC On-line (www.doc.ubi.pt).



margarita LEDO ANDIÓN

Professora catedrática de comunicação audiovisual de la Universidad de Santiago de Compostela, USC, e diretora do Grupo “Estudios Audiovisuais” dessa Universidade, é investigadora principal do projeto “Cine, Diversidad y Redes” do Plan Nacional de I+D (2008-2011) e do de I+D+i del Programa INCITE “Lusofonia: interactividade e interculturalidade”. A sua linha de trabalho sobre espaços geo-linguísticos e interculturalidade levou-a a liderar vários estudos europeus como o que deu origem à obra, em co-autoria com Jacques Guyot e Roland Michon, Production televisée et identité culturelle, PUR, Rennes, 2000. É co-editora, com o professor Tapio Varis, de Galicia-Finlandia: Modos de pensar, CCG, Santiago de Compostela, 2002. Os seus estudos sobre a política de representação na imagem documental fotográfica e cinematográfica refletem-se em obras como Cine de fotógrafos, Gustavo Gili, Barcelona, 2005, Prémio “ Fundació Espais d’Art Contemporani”; Del Cine Ojo a Dogma 95, Paidós, Barcelona, 2004; Documentalismo fotográfico, Cátedra, Madrid, 1998, ou em Documentalismo Fotográfico Contemporáneo: da inocência à lucidez, Xerais, Vigo, 1995. Preside la Asociación galega de investigadoras/es en Comunicación, AGACOM. É Vice-presidente da Asociación española de investigación en comunicación, AE-IC e faz parte da direção da Federação Lusófona de ciências da comunicação, LUSOCOM e da Asociación Iberoamericana de Ciencias de la Comunicación, ASSIBERCOM.



maria BEATRIZ ROCHA-TRINDADE

Maria Beatriz Rocha-Trindade, nascida em Faro, licenciada em Ciências Antropológicas e Etnológicas pelo ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, é Doutorada em Sociologia pela Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris - Université René Descartes - Paris V (Sorbonne) e Agregada em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH). É Professora Catedrática na Universidade Aberta, onde fundou (1994) o Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI, Unidade de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Ministério da Educação e da Ciência. É Consultor Científico do Museu da Emigração e das Comunidades de Fafe. É titular da Ordre National du Mérite, de França, com o grau de Chevalier, da Medalha de Mérito do Município de Fafe e da Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública, de Portugal.



maría yáñez

Digital media maker & researcher

Lugo (Galiza), 1978. Exploradora todo o terreno dos caminhos que unem o audiovisual e a internet, desde as narrativas digitais até à promoção e distribuição on line. É sócia da empresa de comunicação digital A Navalla Suíza e co-editora de EMBED.at, publicação sobre o audiovisual contemporâneo e a cultura aberta. Trabalha de forma independente como investigadora e professora de narrativas digitais, e desenha estratégias de conteúdos e comunicação para diferentes projetos relacionados com o audiovisual na internet. Entre os mais recentes estão a coordenação de atividades do festival de conteúdos digitais Carballo Interplay, o lançamento da plataforma Screenly para a distribuição de filmes em salas a pedido, e a coordenação do arquivo audiovisual Doc Next Network Media Collection.



mariano báez LANDA

Antropólogo mexicano, Universidad Veracruzana (1983); mestre em antropologia social pelo CIESAS (1993) e doutor em ciências sociais pela Universidade Estadual de Campinas SP Brasil (2000). Professor investigador titular em CIESAS-Golfo, coordena o Ateliê Miradas Antropológicas (2001). Principais linhas de trabalho: indigenismo, antropologia visual, comunicação intercultural, itinerários intelectuais e trajetórias profissionais da antropologia mexicana. Filmografia: Corazón Indio. Jóvenes indígenas en la Universidad Veracruzana (2003) Ba'ax ka Wa'alik jóvenes mayas de Yucatán (2006) Salomón Nahmad, Premio Malinowsky 2011, Gonzalo Aguirre Beltrán, Utopía y Revolución (2010)



maurilio MANZANO

Maurilio Mangano, Palermo, Itália, 1980. Em 2002 começou a trabalhar no cinema como assistente de realização e como assistente de produção para, em seguida, se especializar como diretor de casting através dos seus vários Street Castings para várias produções cinematográficas, televisivas e produção de documentários. Em 2010 assinou o primeiro trabalho como realizador com a curta "What's the difference?". Em 2014 escreveu e realizou o seu primeiro filme, "Internat", um documentário sobre os filhos da guerra Geórgia-Abcásia de 1992-1993. Também trabalha como fotógrafo e jornalista, colaborando com a revista VICE e com o Observatório dos Balcãs e Cáucaso. Vive em Tbilisi.





PEDRO SENA NUNES

Estudou cinema e frequentou cursos de escrita, fotografia, vídeo e teatro em diferentes escolas europeias. Co-fundou a Companhia Teatro Meridional. Realiza filmes - documentários, ficções, publicidade e experimentais. É consultor e coordenador de diversos projectos culturais. Co-dirige os Festivais InArte, InShadow e

Dança&Design. Colabora nos projectos europeus Fragile, Unlimited e European Video Dance Heritage e nos Encontros de Cinema de Viana. Lecciona nas áreas de realização cinematográfica e narrativas transdisciplinares na ETIC, ESMAE, IPA, SOU e EscreverEscrever. Desde 1994 que se dedica à área pedagógica. Júri em vários festivais. Conta com vários prémios nas áreas da fotografia, vídeo e cinema.



SÉRGIO BAIRON

Livre-docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo (Brasil). Doutor em Ciências pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP Pós-doutorado pela Comunicação e Semiótica da PUCSP e pela Freie Universität Berlin. Professor das disciplinas de Produção

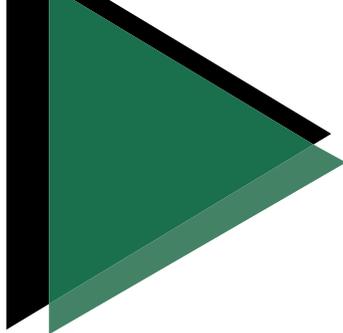
Audiovisual (Publicidade - ECA-USP) e Produção do Conhecimento em Hipermídia (Pós-graduação em Comunicação Social (ECA-USP). Professor convidado na Stanford University 2013 – 2014. Durante 15 anos foi professor e orientador de doutorado na pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP Líder do CEDIPP/USP (Centro de Comunicação Digital e Pesquisa Partilhada) certificado pelo CNPq. Autor dos livros Multimídia (ed. Global), Interdisciplinaridade – hipermídia, educação e história da cultura (ed. Futura), Teorias da Comunicação e Marketing (ed. Futura), Hipermídia, Psicanálise e História da Cultura (Ed. EDUCS), Texturas sonoras: áudio na hipermídia (ed. Hacker), dentre outros. Consultor na área de Análise Semiótica, Interdisciplinaridade.



SÉRGIO GODINHO

Sérgio Godinho nasceu em 1945 no Porto. Partiu de Portugal com 20 anos, recusando assim fazer a guerra colonial. Primeiro destino: Suíça, onde estuda psicologia durante dois anos. Mais tarde muda-se para França. Vive o Maio de 68 na capital francesa. No ano seguinte integra a produção francesa do musical "Hair", onde

se mantém por dois anos. Em Paris priva com outros músicos portugueses, como Luís Cília e José Mário Branco. É de 1971 o seu primeiro álbum, Os Sobreviventes, seguido de mais vinte e sete até aos dias de hoje. Voz polifónica, Sérgio Godinho levou frequentemente a sua escrita a outras paragens. Guiões de cinema (Kilas, o Mau da Fita), peças de teatro (Eu Tu Ele Nós Vós Eles), séries de televisão, histórias infanto-juvenis (O Pequeno Livro dos Medos), poesia (O Sangue Por UM Fio), crónicas (Caríssimas Quarenta Canções), entre vários exemplos.



SÉRGIO GARCÍA LOCATELLI

Formado pela Universidade de Lima, no Perú, com uma licenciatura em Comunicação. Recebeu um diploma do Instituto del Cine de Madrid em realização e escrita de argumento para documentário. Completou o mestrado em escrita de argumento cinematográfico da Escuela de Escritores de Madrid.



SOUFIANE ADEL

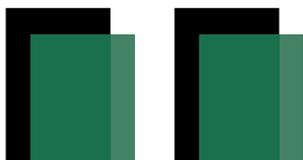
Soufiane Adel nasceu em 1981 na Argélia e chegou a França com 8 anos de idade. Descobre o cinema ao estudar desenho industrial na escola ENSCI. Tem o seu primeiro encontro com o neo-realismo italiano e o cinema experimental com 20 anos, e assim começa a sua cinefilia. Em 2004 decide filmar o seu pai e pede-lhe para realizar uma cena que já experimentaram juntos. Esta será a sua primeira curta-metragem: "Nuits Closes". "La Cassette", e então "Kamel s'est suicide six fois, son père est mort" seguiram-se mais tarde. Desde 2009, ele co-realiza os seus filmes com Angela Terrail, com quem trabalha desde "La cassette". Eles realizaram "Sur la tête de Bertha Boxcar" e estão actualmente a preparar uma longa-metragem, uma adaptação contemporânea de "Martin Eden", de Jack London.



TIAGO HESPÁNHA

Licenciou-se em arquitectura em 2004. É realizador e sócio da produtora de cinema TERRATREME FILMES. É professor no programa internacional de mestrado em documentário DOCNOMADS, desde 2012. É membro dos ATELIERS VARAN, desde 2014. Em 2012 completou o Master em Documental de Creación da Universidad de Pompeu Fabra, em Barcelona, Espanha.

Realizou os filmes: Revolução Industrial, co-realizado com Frederico Lobo (2014 - Estreia Mundial no Visions du Réel, Nyon, Suíça), Visita Guiada (2009 - Prémio do Público no Festival Internacional de Cinema Indielisboa, editado em dvd pela TERRATREME), O Presente que Veio de Longe (2008 - Integra a Colecção "Tão Perto, Tão Longe" editada em dvd pela Fundação Calouste Gulbenkian), Despolido I e Despolido II (2007 - Prémio do Festival de Microfilmes de Lisboa), Andar Modelo (2007), Quinta da Curraleira (2006 - Prémio Primeiro Olhar, Encontros de Cinema de Viana do Castelo).





vittoria fiumi

Vittoria Fiumi, realizadora, estudou antropologia visual na Universidade de Manchester (Reino Unido). Especializou-se na criação de filmes que exploram a relação entre natureza e cultura, com uma abordagem criativa e inovadora, combinando elementos experimentais com elementos de documentário e ficção. Produziu e realizou dois documentários curtos: "Peaceful Place" (Human Rights FF, Bologna, Los Angeles, Sarajevo 2006) e "All of a sudden it was dark" (IDFA doc for Sale 2009, Doc under 30). O seu último filme "Nermina's World" foi selecionado para a competição Visions du Reel 2014, em Nyon. O filme entrou na lista dos finalistas para o prémio Solinas, um prémio para argumentistas, e foi premiado com o Corso Salani Prize (para melhor trabalho em andamento) no Trieste Film Festival. Produzido por Fiumi Film e Film Tama (Flavia Oertwig) é uma co-produção suíça, alemã e italiana, com o apoio da Cineteca di Bologna, Filme für Eine Welt e Film Commission Baden-Württemberg. Em 2014, Vittoria Fiumi foi selecionada pela Filmmaker Academy of the Locarno Film Festival como realizadora emergente. Foi premiada com a prestigiada bolsa Nipkow para seu novo projeto "3TimesMe". Vive e trabalha entre a Suíça e a Itália.



ZILDA MARCIA GRÍCOLI IOKOI

Mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (Brasil). É professora titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na área de História do Brasil Independente, atuando principalmente na linha de pesquisa História das Relações e dos Movimentos Sociais, nos temas da educação, lutas camponesas, políticas públicas, imigração contemporânea, humanidades, direitos e outras legitimidades. Atualmente coordena o Diversitas Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos e o Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.



EXPOSIÇÃO

EXHIBITION



**NÓS,
POR CÁ,
E POR LÁ**

CASA & CULTURA DE MELGAÇO

A exposição **NÓS, POR CÁ E POR LÁ** é um dos resultados de um esforço conjunto da AO NORTE e da Câmara Municipal de Melgaço, no âmbito do festival Filmes do Homem.

Reconhecendo-se o enraizamento e a importância que a emigração para a França teve nas vidas dos habitantes do concelho de Melgaço, foi feita uma recolha em diversas freguesias com o objetivo de contar esse importante episódio da história de Portugal a partir da fotografia. O resultado foi formidável. Onze freguesias do concelho participaram ativamente no projeto, angariando-se contribuições de setenta casas, tendo sido recolhidas mais de setecentas fotografias.

O resultado é uma viagem imagética pelo quotidiano dos emigrantes e das suas famílias que cá ficaram. Vemos fotografias de grupo nos estaleiros de obras (vulgo chantier) e nas barracas onde residiam os emigrantes, passando pelos passeios de domingo, até aos sinais de alguma riqueza conquistada com muito trabalho e dedicação – uma mota, um carro ou a casa.

Nas fotografias vemos a luta dos emigrantes. Vemos também orgulho, uma alegria de lutar pela vida. Nas imagens de alegres convívios e jantares, reconhecem-se melgacenses de diferentes freguesias e famílias. Vemos também outras pessoas, de outros pontos do país e do mundo inteiro. Muitos que já faleceram e outros cujo contacto está há muito tempo perdido. A fotografia é neste sentido a preservação da memória,



um documento com um valor cultural e histórico revelado nas redes de relações que evidencia.

É também um documento pessoal. Os retratos eram trocados entre os que foram e os que ficaram. A fotografia dos filhos para o pai que trabalha algures na França, ou o retrato que o emigrante envia para a sua família em Portugal, são também uma comunicação, que mantém vivas as relações afetivas para além das fronteiras.

Enquanto documento histórico, cultural e pessoal, as fotografias valem por si próprias como património valiosíssimo. Enquanto obra de arte, evidenciando estilos fotográficos, planos e cenários, merecem um estudo apurado.





Foi no álbum de família, muitas vezes guardado ou esquecido em gavetas recônditas, desvalorizado, que fomos encontrar esta multiplicidade e profundidade de universos. Deixamos, portanto, esta mensagem: a cultura e o património estão nas mãos das pessoas que o vivem. Sem o contributo ativo dos melgacenses e dos agentes locais que se prontificaram a ajudar nesta recolha, este tipo de trabalho seria impossível, e esta História poder-se-ia perder.

A exposição está organizada em diferentes linhas temáticas: “Chantier”, Viagem, Trabalho, Convívio e Retratos. Há também uma organização entre as fotografias de “Cá”, tiradas no concelho de Melgaço, e de “Lá”, tiradas na França e um pouco por todo o mundo. Os temas não pretendem uma divisão restrita, condicionante. São antes linhas de orientação, que nos mostram diversos aspetos do quotidiano.

De entre todas as fotografias recolhidas, foram selecionadas perto de duzentas para expor, tentando-se ser abrangente quanto à sua proveniência e variedade. As fotografias são datadas desde o início dos anos 50 até à última década do século XX. A exposição inclui também testemunhos registados pela AO NORTE no âmbito do projeto Fotografia Falada. ●

Daniel Maciel

EXPOSIÇÃO

MANOEL DE OLIVEIRA



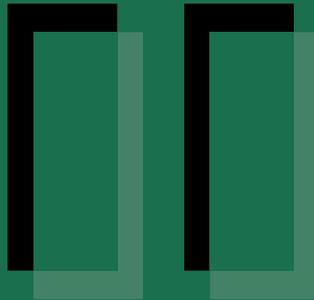
Manoel de Oliveira e Jean Loup Passek.

**MUSEU DE CINEMA
DE MELGAÇO**
Jean Loup passek

Evocar, numa exposição, Manoel de Oliveira e a sua obra, exigiria um espaço à medida dos seus 106 anos de existência. À medida de uma carreira única no cinema mundial, atravessando o século de 1931 a 2015, do cinema mudo ao digital e rica de 56 filmes, entre curtas, médias e longas metragens; um espaço no qual caberiam várias vidas em boa hora invadidas, desde o início, pela paixão do cinema. Porque com Manoel de Oliveira é preciso pôr no plural a palavra vida: vida familiar; vida de desportista, atleta vice campeão de Portugal de salto à vara, em três anos consecutivos, de ginasta-acrobata amador, de piloto de automóveis, várias vezes vencedor em Portugal e no Brasil, e de piloto de aviões; vida de empresário da indústria têxtil dando continuidade ao negócio familiar; vida de lavrador, como ele próprio gostava de se apresentar, produtor de vinho do Porto, cuidando da vinha e da terra.

E, uma vez esgotadas estas vocações e vidas, restará a mais extraordinária, a do cinema. Evocar-se-á então o actor, da *Canção de Lisboa*, de Cotinelli Telmo, a *Lisbon Story*, de Wim Wenders, passando pelos diversos papéis nos seus próprios filmes. E falar-se-á do produtor, do argumentista, do dialoguista e, sobretudo, do realizador. A tarefa não é fácil. Pelo que, nesta exposição, apresentaremos apenas algumas imagens ilustrando essas vidas: cartazes, fotografias de filmes, fotografias dos tempos de juventude e da vida familiar.

Demorar-nos-emos um pouco mais no Alto Minho, a propósito do filme *Viagem ao Princípio do Mundo* neste concelho filmado em grande parte, região que lhe era afectivamente cara. Tentativa de voltar ao princípio do mundo pela memória, na qual vêm incrustar-se fragmentos de realidade.



Num carro, conduzido por um motorista interpretado pelo próprio Manoel de Oliveira, viajam um realizador de seu nome Manoel (interpretado pelo actor Marcello Mastroianni num derradeiro papel no cinema) e três actores do filme que está a ser rodado, dois portugueses e um francês. Dirigem-se para Castro Laboreiro, aldeia de onde o pai do actor francês emigrara nos anos 30, numa tentativa de reencontro com as origens. Pretexto esse para Manoel de Oliveira evocar as suas recordações do Alto Minho: Caminha, do outro lado do rio o colégio jesuíta de *La Guardia*, onde estudara, a estátua de Pedro Macau, as Termas de Peso do Minho com o seu Grande Hotel (então em ruínas) e onde a família Oliveira todos os anos se instalava no verão.

Belíssimo filme sobre o tempo perdido e já inacessível, como a flor vermelha que Marcello Mastroianni/Manoel tenta colher, no parque do Grande Hotel, numa árvore doravante demasiado alta para ele. ●



Bernard Despomadères

05-07-2015



DOCUMENTÁRIOS REALIZADOS DURANTE A RESIDÊNCIA CINEMATOGRÁFICA FILMES DO HOMEM 2014

ESTREIA

4 DE AGOSTO, ÀS 21H30, NA CASA DA CULTURA DE MELGAÇO



FUI, COMO ERVAS, E NÃO ME ARRANCARAM

SINOPSE

Emigrado em França durante vinte e quatro anos, José Bento Garelha passou a maior parte desse tempo em trabalho, movido pela perspectiva do regresso a Portugal, seu país de origem. Desempenha atualmente as funções de Presidente da Junta de Freguesia de Paderne, num quotidiano caracterizado por uma forte ligação à comunidade a que pertence.

FICHA TÉCNICA:

Realização e montagem: **Rúben Gonçalves** Direção de fotografia: **Adriana Carvalho**
Captação de som: **Inês Adriana** Material adicional (procissão e baile): **Ana Mariz**
Captação de som adicional (procissão e baile): **Luís Ferraz**



VISITA

SINOPSE

Numa aldeia envelhecida, uma mãe é visitada pelo seu filho emigrado.

FICHA TÉCNICA

Realização: **Rui Esperança** Direção de fotografia: **Ana Mariz** Captação de Som: **Luís Ferraz**
Pós-produção de Som: **Inês Adriana** Montagem: **Rúben Gonçalves**



TERRAS DE QUEM SOU

SINOPSE

Encontramos José nas suas tarefas do quotidiano. Conta-nos uma história de antigamente. E depois outra, e outra. Nos braços da grande família que nasceu desta história, por entre campos e estradas, José guia-nos por memórias de celas, terras e fronteiras.

FICHA TÉCNICA

Realização: **Flávio Ferreira** Direção de fotografia: **Joana Oliveira** Captação de Som: **Cátia Oliveira**
Montagem: **Flávio Ferreira** Equipa Artística (intervenientes): **José Esteves; Maria Angélica Pires; Sandra Daniela Esteves**



A REVOLUÇÃO NO CAMINHO

SINOPSE

Rui Táboas emigrou para França para escapar à guerra colonial. Quis, o destino, que fosse um dos protagonistas da Revolução de 25 de Abril de 1974.

FICHA TÉCNICA

Realização: **Artur Mauricio** Direção de fotografia: **André Abreu** Captação de Som: **Bernardo Ramos**
Montagem: **Miguel Arieira** Pós-produção áudio: **Daniel Deira**
A montagem não contou com a colaboração da equipa de realização



LABORATÓRIO DE VÍDEO

WORKSHOP DE CINEMA DE ANIMAÇÃO PARA JOVENS DOS 14 AOS 18 ANOS

Os participantes terão de pensar e animar imagens sobre as suas experiências, de uma forma livre, mas coerente, onde o limite é a experimentação e a criatividade.

PÚBLICO-ALVO

Jovens dos 14 aos 18 anos, interessados em contar uma narrativa através do processo de animação.

OBJETIVOS

Utilizar o cinema de animação como instrumento de motivação para a produção de conteúdos audiovisuais, através do processo de escrita de argumento, técnicas de animação, realização e sonorização.

VAGAS

12 Participantes.

CALENDARIZAÇÃO

3 a 7 de agosto 2015, das 9H00 - 13H00.

Atividade realizada em parceria com o Cineclube de Viseu.



FORMADORA

GRAÇA GOMES

Trabalha desde 1988 em cinema de animação nas áreas de publicidade e curtas-metragens de animação, colaborando com diversos estúdios e produtoras (Opticalprint, Pixel e Tintas, Animais, Ao Romper da Bela Aurora, Cão Amarelo, Anima-nossa, Alfândega Filmes e Filmógrafo). Realizou vários filmes didáticos de animação para as séries televisivas Rua Sésamo e Jardim da Celeste. Entre 1993\2001 frequentou um estágio profissional de formação Franco-Português em desenho e volume animado e vários «Cartoon Masters» organizados pela associação europeia de Animação. Concluiu, em 2012, a realização da série de cinema de animação “Brincarolas”, projeto da sua autoria, financiado pelo ICA, e colabora com o CCV, como formadora e realizadora das atividades de cinema de animação do projeto CINEMA PARA AS ESCOLAS.

EQUIPA

FILMES 2015 HOMEM

FE/TIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE
MELGAÇO

INTERNATIONAL DOCUMENTARY fiLm festival

DIREÇÃO

Executivo Municipal e AO NORTE

DIREÇÃO GERAL

Carlos Eduardo Viana

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Rui Ramos

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Câmara Municipal de Melgaço

Angelina Esteves

COLABORADORES

Daniel Deira

Daniel Maciel

Fátima Chavarria

Graça Gomes

José da Silva Ribeiro

Lina Šimkevičiūtė

Luís Neto

Mário Gomes

Miguel Arieira

Nuno António

Patrícia Nogueira

Pedro Sena Nunes

Raquel Gonçalves

Rodrigo Francisco

Susanna Kornet

DIREÇÃO FINANCEIRA

António Passos

COLABORAÇÃO ESPECIAL

Albertino Gonçalves

Álvaro Domingues

Bernard Despomadères

Carlos da Fonseca

Catarina Alves Costa

Cristina Ferreira Gomes

Henrique Espírito Santo

Jean-Loïc Portron

Jorge Campos

José Carlos Sebe Bom Meihy

José Manuel Sande

José Vieira

Manolo González Álvarez

Manuela Penafria

Margarita Ledo Andiñon

Maria Beatriz Rocha-Trindade

María Yáñez

Mariano Báez Landa

Paulo Cunha

Sérgio Bairon

Sérgio Godinho

Tiago Hespanha

Zilda Marcia Gricoli Iokoi

REGISTO FOTOGRÁFICO

Edmundo Correia

COLABORADORES

Câmara Municipal de Melgaço

Casa da Cultura

Espaço memória e Fronteira

Gabinete de Comunicação e Imagem

Arquivo Municipal

Estaleiro Municipal

Museu de Cinema de Melgaço Jean

Loup Passek

FOTOGRAFIA do CARTAZ

Susana Girón

DESIGN

Rui Carvalho Design

WEBDESIGN

publiSITIO® Design e Comunicação

ISBN

978-989-97504-6-3



PARCEIROS

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



CENTRO DE INVESTIGACIONES Y ESTUDIOS SUPERIORES EN ANTROPOLOGIA SOCIAL



Grupo de Estudos Audiovisuais
Departamento de Ciências da Comunicação
Universidade de Santiago de Compostela



cine clube viseu

APOIO À PROGRAMAÇÃO

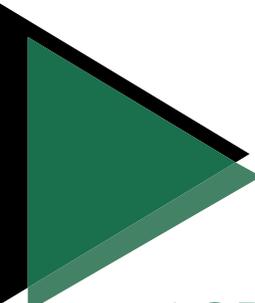


APOIO



APOIO FINANCEIRO





AGRADECIMENTOS

Albertino Gonçalves
Álvaro Domingues
Carlos da Fonseca
Catarina Alves Costa
Claudio La Manta
Cristina Ferreira Gomes
Henrique Espirito Santo
Horacio Gil Expósito
Jean-Loïc Portron
João Artur Pinto
José Carlos Sebe Bom Meihy
José Manuel Sande
José Vieira
Manolo González Álvarez
Manuela Penafria
Margarita Ledo Andión
Maria Beatriz Rocha-Trindade
María Yáñez
Mariano Báez Landa
Nuno António
Octávio Espirito Santo
Paulo Cunha
Sérgio Bairon
Sérgio Godinho
Tiago Hespanha
Tiago Manuel
Zilda Marcia Gricoli Iokoi
Ayuntamiento de Arbo
Junta de Freguesia de Castro Laboreiro
Junta de Freguesia de Cristóval
Junta de Freguesia de Parada do Monte

CONTACTOS

FILMES DO HOMEM

Telm: 00351 962 834 852
Email: docs@filmesdohomem.pt
www.filmesdohomem.pt

AO NORTE - ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113, r/c
4900-489 Viana do Castelo . Portugal
Tel.: 00351 258 821 619
Telm.: 00351 962 834 852
Email: ao-norte@nortenet.pt
www.ao-norte.com

CÂMARA MUNICIPAL DE MELGAÇO

Largo Hermenegildo Solheiro
4960-551 Melgaço . Portugal
Tel.: 00351 251 410 100
Fax: 00351 251 402 429
Email: geral@cm-melgaco.pt
www.cm-melgaco.pt



WWW.FILMESDOHOMEM.PT

FILMES DO 2015
HOMEM
FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE
MELGAÇO

INTERNATIONAL DOCUMENTARY FILM FESTIVAL

organização



parceria



apoio



WWW.FILMESDOHOMEM.PT

[facebook.com/
filmesdohomem](https://facebook.com/filmesdohomem)

